

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* MESTRADO
EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DE FACE EM SIMONE DE BEAUVOIR E VALERIE
SOLANAS**

EMANUELY CARNEIRO ANTUNES

**VITÓRIA
Fevereiro de 2008**

EMANUELY CARNEIRO ANTUNES

**O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DE FACE EM SIMONE DE BEAUVOIR E EM VALERIE
SOLANAS**

ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. MARIA DA PENHA LINS

VITÓRIA

Fevereiro de 2008

**O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE FACE EM
SIMONE DE BEAUVOIR E EM VALERIE SOLANAS.**

EMANUELY CARNEIRO ANTUNES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos-PPGEL do Departamento de Línguas e Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo. Como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Penha Pereira Lins.

VITÓRIA

Fevereiro de 2008

ANTUNES, Emanuely Carneiro. *O discurso feminista no pós-guerra: uma análise da construção de face em Simone de Beauvoir e em Valerie Solanas*. Vitória: UFES, DLL-PPGEL. 2008. Dissertação de mestrado em Estudos Lingüísticos

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria da Penha Pereira Lins (orientadora- UFES)

Profª. Drª . Liliana Cabral Bastos (PUC-RIO)

Profª. Drª. Lilian De Paula (UFES)

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

VITÓRIA

Fevereiro de 2008

SINOPSE

Este trabalho discute a elaboração da imagem social das autoras feministas Simone de Beauvoir e Valerie Solanas em seus respectivos textos “A mulher independente” e “ SCUM Manifesto”, sob o prisma da noção de interação abordada por Goffman (1980) em seus estudos sobre a teoria de elaboração de face, e que está presente também na teoria dos enquadres interativos apresentada por Tannen e Wallat (1998) . A importância do contexto em análises textuais, aspecto defendido por Koch (2005), se faz notória nesta pesquisa que busca examinar os traços socialmente construídos na utilização da linguagem.

Agradeço a meus pais João Manoel e Eliana pelo apoio de
toda a vida.

A Romullo e Wellington por toda a ajuda.

ANTUNES, Emanuely Carneiro. *O discurso feminista no pós-gerra: uma análise da construção de face em Simone de Beauvoir e Valerie Solanas*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

RESUMO

Este trabalho analisa a elaboração da imagem social das autoras Simone de Beauvoir e Valerie Solanas em seus respectivos livros “O Segundo Sexo” e “SCUM Manifesto”, sob o prisma da noção de interação abordada por Goffman (1980) e por Brown & Levinson (1987) em seus estudos sobre a teoria de elaboração de face e que está presente também na teoria dos enquadres interativos apresentada por Tannen & Wallat (1998). É levado em consideração, no entanto, que cada indivíduo carrega consigo conhecimentos anteriores que auxiliam nas escolhas em relação ao momento interativo, bem como projeta e avalia intenções para futuros encontros. Desta forma, faz-se necessária a observação do contexto que envolve os enunciados e os próprios indivíduos da comunicação. Como o *corpus* utilizado nesta pesquisa se constitui de textos de cunho social que se referem às questões de gênero, é importante também pensar em traços socialmente construídos quanto à utilização da linguagem. Os estudos de Lakoff (1975) são tomados como base ao tratarem daquilo que a autora define como linguagem masculina e linguagem feminina. Esta dissertação busca não apenas definir os resultados das escolhas de Simone de Beauvoir e de Valerie Solanas na constituição de suas respectivas imagens sociais, mas também, busca compreender o processo de construção dessas imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Contexto. Imagem social. Feminismo.

ANTUNES, Emanuely Carneiro. *The feminist discourse in the post-war: an analytic view of the face construct in the works of Simone de Beauvoir and in Valerie Solanas*. Thesis for Master's degree: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

ABSTRACT

This paper approaches the modeling of the social image of the authors Simone de Beauvoir and Valerie Solanas in their respective books "The Second Sex" and "SCUM Manifesto", using Goffman's (1980) and Brown & Levinson (1987) approaches of the notion of interaction as in his studies about a theory of face modeling and that is also in the Tannen & Wallat's (1998) theory of interactional frames. It is taken in account, nonetheless, that each individual brings with themselves previous knowledge which help in the choices in relation to the interactive moment, as well as it evaluates and project intentions for future meetings. This way, it is necessary to observe the context that surrounds the statements and the communication participants themselves. As the corpus used in this paper is made of text with social meaning on issues related to gender, it is important to also think about sociological made characters on the language use. Larkoff's (1975) studies are taking as model as they are about that that the author defines as masculine and feminine's languages. This thesis searches not only define the result of the choices made by Simone de Beauvoir and Valerie Solanas in the modeling of theirs social images, but also understand the process that is used for that modeling.

KEY-WORDS: Interaction. Context. Social Image. Feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 O entorno na perspectiva sociointeracional	
1.1.1 A perspectiva sócio-interacional	
1.1.2 A sociolinguística interacional e a constituição da noção de enquadres interativos.....	15
1.1.3 Convenções de contextualização.....	16
1.1.4 Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação.....	17
1.2 A importância do contexto no pensar sobre o texto.....	18
1.3 A representação do sujeito na sociedade.....	22
1.3.1 Conceitos linguísticos na teoria da face de Goffman	
1.3.1.1 Quanto à língua e a linguagem	
1.3.1.2 Quanto ao sentido e ao sujeito.....	23
1.3.2 Imagem social.....	24
1.4 A linguagem e o lugar do sujeito.....	31
1.5 Comportamento social na constituição e manutenção da imagem social.....	34
1.6 O comportamento linguístico racional.....	37
CAPÍTULO II	
2. METODOLOGIA E <i>CORPUS</i>	39
2.1 A natureza dos dados	
2.2 Método de análise.....	40
CAPÍTULO III	
3. O CONTEXTO: O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA.....	42
3.1 O contexto na verificação da construção de face.....	44
3.2 O entorno sócio-cultural e contexto sócio cognitivo	
3.3 O contexto sócio-cognitivo de Valerie Solanas e de Simone de Beauvoir.....	45
3.3.1. Valerie Solanas	
3.3.2. Simone de Beauvoir.....	46
3.4. A linguagem como contexto em Simone de Beauvoir e Valerie Solanas.....	47
3.5 O contexto de situação em Simone de Beauvoir e Valerie Solanas.....	48
3.5.1 Situação	
3.5.2 Participantes.....	49
3.5.3 Fins, propósitos e resultados.....	50
3.5.4 Normas de interação	
3.5.5 Gêneros.....	51
CAPÍTULO IV	
4. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SOCIAL NOS DISCURSOS DE SIMONE DE BEAUVOIR E VALERIE SOLANAS.....	52

4.1. Discurso e imagem social	
4.2. Simone de Beauvoir e Valerie Solanas como sujeito da linguagem.....	59
4.2.1. Linguagem feminina ou linguagem masculina.....	62
CAPÍTULO V	
5. O que constitui os enquadres interativos.....	70
5.1 Enquadramento como <i>script</i> e enquadramento interacional	
5.1.1 Enquadre de Simone de Beauvoir.....	77
5.1.2 Enquadre de Valerie Solanas.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS	92
<i>O caminho da libertação: a mulher independente</i> , de Simone de Beauvoir e <i>SCUM Manifesto. Uma proposta para a destruição do sexo masculino</i> , de Valerie Solanas.	

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise das questões referentes à construção e à manutenção das imagens sociais construídas pelas autoras, socialmente consideradas feministas, Simone de Beauvoir e Valerie Solanas nos seus respectivos textos *O caminho da libertação: A mulher independente* de *O segundo Sexo* e *SCUM Manifesto. Uma proposta para a destruição do sexo masculino*.

A base para tal pesquisa está no cerne dos estudos pragmáticos, mais especificamente na teoria da construção de face apresentada por Goffman (1980) e também abordada por Brown e Levinson (1987), complementada pela sociolinguística interacional a partir da noção de enquadres sociais interativos trabalhada por Tannen & Wallat (1982).

Assim, como propõem esses autores, a observação do fenômeno da construção de imagem requer estudos acerca dos aspectos sociais que exigem tal formação, das atitudes e estratégias tomadas na interação para a não perda desta imagem e as condições de dependência em relação a essas autoras e seus leitores.

Para que se fizesse o intercâmbio do conceito já citado com o evento textual a ser estudado, fez-se necessário "passear" por outras noções da pragmática: a polidez, a partir da teoria de Brown & Levinson (1987) e representações do papel social e interação de Goffman (1980), já que, pressupõe-se, a relação de face parte de um contrato com o meio e que este acordo permeia todo o dizer no que tange as estratégias tais como grau de polidez e desejos dualísticos em razão do funcionamento do alinhamento para a manutenção da face.

Este fim é buscado pelo reconhecimento da dependência entre o autor e o leitor para permanência e participação em novos eventos.

O caminho para o alcance da proposta está na observação das representações como reais ou falsas e o grau de crença das autoras no papel em que estão desempenhando que, dependendo das relações sociais em questão, o que mais importa são os fins. Também está na busca pelos indícios imersos no discurso, que emprestam significados e suas possibilidades de captação das significações, considerando esta como elemento importante para a manutenção do controle expressivo. Além disso, a proposta está na atenção

à acentuação e dissimulação de aspectos convenientes ou não à face.

Um trabalho de pesquisa lingüística que se baseie em teorias que abrangem questões sociais como faz a Pragmática, tendo como *corpus* textos que representam questões sociais e culturais em voga até os dias de hoje pode contribuir para uma visão não só de funcionalidade prática dos estudos lingüísticos, mas para uma visão de que as realidades fincadas e as possibilidades de mudança do *status-quo* estão intimamente vinculadas à utilização da linguagem. A contribuição a ser feita consiste na afirmação da importância da consciência lingüística para a constituição da sociedade mostrando como os dizeres de Simone de Beauvoir e Valerie Solanas e suas escolhas por imagens sociais distintas foram formados por realidades sociais que devem ser conhecidas e levam a construções de pensamentos diferentes sobre o mesmo tema social, o que sem dúvida, causa conseqüências observáveis na vida, no mundo.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O entorno na perspectiva sócio-interacional

Para que a análise textual proposta neste trabalho se dê de forma satisfatória, é necessário que sejam observadas mais do que as pistas concedidas através dos recursos lingüísticos e para-lingüísticos, é preciso que sejam entendidos os modelos culturais, identificados na situação interacional. É considerada importante, então, uma análise que conjugue conceito da sócio-lingüística interacional, com conceitos e noções que partam da pragmática, pois são nessas linhas teóricas que se encontram elementos extra-lingüísticos que abrangem os aspectos sociais de um encontro comunicativo.

1.1.1 A perspectiva sócio – interacional (discurso é diálogo)

Sendo considerado fundamental para esta pesquisa o reconhecimento mais abrangente dos aspectos comunicativos, é adequado, então, que se trabalhe a partir da perspectiva sócio-interacional da lingüística, já que, contidos nela estão, além do conhecimento lingüístico, os conhecimentos social e cultural, sobre a base dos quais se efetiva a interação comunicativa.

Os conhecimentos de cunho social que participam da constituição da sóciolingüística interacional partem dos estudos de autores-base dessa pesquisa: Goffman (1980,1985) que trabalha a micro-sociologia e a partir dessa perspectiva apresenta os pontos de observação fundamentais da teoria pragmática da construção da imagem social e Gumperz (1982) que, partindo da lingüística antropológica, define os espaços que os participantes com sua peculiaridades ocupam no discurso.

A intenção posta neste trabalho não é abordar o discurso a partir de uma base estrutural, que analisa segundo Bastos (1983) com base em Shiffrin (1987), os constituintes em relação uns com os outros.

O objetivo parte de uma base funcional, para a qual o discurso é uma forma social imersa em uma organização cultural estabelecida, para observar o entorno, a circunstância da interação e os participantes dela, e levar em conta o lingüístico e o extra-lingüístico. Desta forma, são focalizados os padrões

comunicativos e estratégias usados pelos participantes que vislumbram determinado fim.

Fundamentado na perspectiva sócio-interacional, este trabalho pretende considerar questões sociais, culturais e interpessoais contidas no corpus para a identificação e análise das ações comunicativas efetuadas por Simone de Beauvoir e por Valerie Solanas. Enquadrando-se nessa abordagem, não poderiam ser ignoradas também as relações entre os participantes, neste caso, autoras e leitores e os meios sociais a que pertencem.

Desse modo a presente pesquisa aborda teorias que se enquadram na perspectiva da sociolinguística, justamente por considerarem aspectos extralinguísticos. Uma delas é a teoria da imagem social formulada por Goffman (1980), que trata dos padrões e seqüências naturais de comportamento na perspectiva de uma sociologia de ocasiões, que compreende a relação entre os participantes e a relação da ação com o tempo em que ocorre.

Outra noção abordada neste trabalho consiste na teoria dos enquadramentos interativos, fruto dos estudos de Goffman (1974) e Gumperz (1982) sobre os atos verbais e não verbais e que posteriormente foi aperfeiçoado por Tannen e Wallat (1986). A noção de enquadre abrange conceitos advindos da psicologia cognitiva, da antropologia cultural e da sociologia interacional e propõe uma ligação da linguística com essas ciências.

A análise feita a partir da noção de enquadres diz respeito ainda a questões como estruturas de expectativas, esquemas de conhecimento e *footing*, vinculadas a conhecimentos pré-construídos e relações de interdependência.

Não é possível deixar de explicitar que, para todos os teóricos citados, a noção de contexto tem importância para uma análise textual fincada nos princípios da sócio-interação. Goffman (1980) considera o contexto do momento do jogo interativo sem deixar de contar com o conhecimento anterior no qual, segundo o autor, é a base sobre a qual o sujeito se constrói.

Tannen e Wallat (1987) citam Kendon (1979) na afirmação de que trabalhos devem envolver análise de contexto e que é este tipo de análise que presume que os participantes não são emissores e receptores isolados de mensagens. Para as autoras, as ações e intenções de significados são

compreendidas no contexto imediato e também em relação ao que o antecede e o que pode sucedê-lo.

1.1.2 A sociolinguística-interacional e a noção de enquadres interativos.

Gregory Bateson (1972) no artigo *Uma teoria sobre brincadeira e fantasia* discute sobre a natureza da comunicação e afirma que nenhum discurso pode ser compreendido sem uma referência à metamensagem do enquadre (a frase). O enquadre tem um conjunto de informações, de instruções para que o ouvinte possa entender a mensagem, indica para onde o observador deve dirigir seu olhar, como uma moldura de um quadro.

O enquadre delimita a figura e o fundo (o principal é o que está por trás dele) mostra os sinais, mostra o conjunto que forma as mensagens, mostra as ações significativas. Para Bateson (1972), o enquadre é um conceito de natureza psicológica, que capta sutilezas escondidas no discurso. Os participantes em qualquer circunstância comunicativa estão sempre atentos aos sinais que delimitam ou contextualizam os enquadres.

Esse conceito de enquadres, introduzido por Bateson e desenvolvido por Goffman em seu estudo *Frame analysis*, de 1974, pressupõe que enquadramento organiza e mostra a metamensagem contida no enunciado, indicando nossas sinalizações, dizeres e ações e, ainda, formula a metamensagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem.

Os participantes, em qualquer situação estão sempre, a todo tempo, introduzindo e mantendo enquadramentos que organizam o discurso e mostrando e percebendo a “cara da situação”. Sendo assim, sobre o enquadramento, os participantes sempre perguntam “onde se situa esta interação?” “O que está acontecendo aqui agora?”.

No interior da noção de enquadramento, é importante salientar o conceito de *footing* (Goffman, 1974) que vai situar a atuação de participantes de interações em diferentes alinhamentos.

O alinhamento, a postura, a posição, de projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Ele caracteriza o aspecto dinâmico dos enquadres e sua natureza discursiva. Os *footings* são pré-formados,

mas estão à mercê da interação, eles são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados. (GOFFMAN, 1974)

1.1.3 Convenções de contextualização

Gumperz (1982) considera como centro de sua análise teórica os traços lingüísticos contextuais que até então haviam sido marginalizados dos sistemas lingüísticos. Privilegia o discurso, principalmente o processo de inferência conversacional. Seu material teórico está constituído em grande parte na visão pragmática. Considera a necessidade de que se entenda a contextualização a partir das forças ilocucionárias contidas numa elocução e aconselha que processo inferencial seja visto como interpretação. Essa interpretação só é válida quando conjugada ao conhecimento pressuposto, não em termos absolutos (depende das pessoas participantes). O conhecimento pressuposto, ou “conhecimento de mundo”, conhecimento do anterior, é constituído social e interacionalmente, a isto o autor chama de interpretação ecologicamente condicionada.

Além da compreensão do código é preciso, segundo Gumperz, considerar outros elementos subjacentes à utilização do registro. É a contextualização, o enquadre que orienta o uso do registro. Fazem parte da contextualização:

- 1) A referência ao tópico do discurso (do que se fala)
- 2) Os atos verbais ou não verbais (as intenções)
- 3) A estrutura de participação (a interpretação dos participantes, leitores, durante toda a interação, inclusive sobre o que seriam direitos e deveres dos envolvidos na comunicação, seus papéis, o que se espera de cada um).

Qualquer mudança em um desses componentes provoca alterações contextuais. Considerando isto, é possível fazer uma relação entre as teorias da sociolingüística interacional e da pragmática posto que ambas consideram importantes a verificação contextual a partir da observação de elementos referentes ao verbal e ao não-verbal, dos pressupostos contidos nas escolhas lingüísticas e nas formas de abordagens dos temas e a participação dos envolvidos no momento comunicativo.

1.1.4 Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação

Tomando-se primeiramente os estudos de Tannen (1979), para se produzir sentido é necessário que se façam conexões entre as coisas presentes e as coisas já conhecidas. Assim, uma interação é constituída de expectativas por parte dos participantes, expectativas essas formadas a partir de conhecimentos anteriores, verbais e não-verbais.

Os conhecimentos não-verbais, segundo Tannen (1979) são convertidos em verbais a partir da determinação de um esquema, que propicia a identificação do evento, da determinação do enquadre, que identifica os indivíduos na interação e na determinação de uma categoria de nomeação dos elementos (ações e objetos) que constituem momento interativo.

Dessa forma, faz-se uma relação entre a representação interna dos eventos particulares com as expectativas sobre o mundo, baseadas em experiências anteriores com vistas na possibilidade de novas experiências.

Esses três passos constituem de forma conjunta as significações dos enunciados já que, o enquadre é uma representação das estruturas de expectativas, que por sua vez são formadas a partir dos esquemas de conhecimento trazidos pelo indivíduo desde as experiências passadas.

Para Tannen (1979) as estruturas de expectativas são construções sociais que influenciam determinantemente na constituição dos enquadres e também, produções lingüísticas. Essas estruturas carregam *scripts*, enquadres e esquemas de conhecimento já convencionalizados socialmente.

Essa perspectiva da autora é revista no trabalho de Tanen e Wallat (1986) e a noção de *script* passa a ser diferenciada das noções de enquadres e esquemas, já que estes deixam de ser considerados elementos congelados pelas convenções para serem vistos a partir da noção interativa, que admite o movimento propiciado pelas diferentes condições e situações comunicativas.

Nesta nova perspectiva, a da interação, o enquadre refere-se a percepção de qual atividade está sendo encenada, de quais são os sentidos em questão, considerando-se as condições do momento. Já a noção de esquemas de conhecimento refere-se às expectativas formadas pelos indivíduos a partir do que trazem de suas experiências anteriores.

Os estudos de Tannem & Wallat (1982) sobre os aspectos interacionais e cognitivos englobam conhecimentos advindos da semântica, da psicologia cognitiva da antropologia cultural e da sociologia interacional e propõem uma maior distinção das noções de enquadre e de esquema. As autoras afirmam que enquadres e esquemas, em trabalhos anteriores eram tidos como estruturas de expectativas, mas que estas estruturas de expectativas podem ser divididas em dois tipos: um é a noção de enquadre com referência antropológica e sociológica, como enquadre interativo de interpretação (encaixamento, as reações co-construídas no encontro), outro é a noção esquemas, sob o ângulo das mensagens calcadas em informações pressupostas compartilhadas ou não pelos participantes.

1.2.A importância do contexto no pensar sobre o texto

Para se interpretarem textos de cunho social, como é proposto neste trabalho, é necessário contextualizar as condições de sua produção, pensar as influências inegáveis do momento político-cultural, assim como os posicionamentos ideológicos coletivos e individuais que tomam os produtores desses textos. É importante, também, considerar que tais posicionamentos não são escolhas independentes, mas reflexos de realidades do mundo somadas às subjetividades. A forma como os indivíduos se colocam diante de determinado tema é uma conseqüência das determinações históricas do mundo e de seu meio com suas crenças e a formação de seus sentimentos.

Descartar a situação em que as palavras, os pensamentos, as defesas e as condenações são usadas, seria tornar rasas, superficiais as interpretações, seria perder a substancialidade e o valor dos dizeres e, principalmente, seria minimizar as conseqüências das produções textuais para a constituição de novos pensamentos.

Quanto ao contexto, Koch (2005) afirma que suas concepções variam no tempo e de autor para autor, não sendo possível, segundo a autora, que se determine uma definição técnica acerca do termo.

Não havendo uma conceituação única, Koch (2005) remete a Malinowski (1923), autor que cria os termos “contexto de situação” e “contexto de cultura”, que, todavia, não partem de uma determinação do papel que o contexto

desempenha na interpretação textual. Tal experiência possibilita que Firth (1923), autor citado por Koch (2005), também observe e defenda que as palavras não guardam seus sentidos em si mesmas e que trabalhe a perspectiva do contexto, conceitualizando-o como “contexto social”.

Partindo da semente deixada pelos teóricos anteriormente citados, lingüistas que trabalham com questões sociológicas não poderiam deixar de dar ênfase à noção de contexto. Dentre alguns, destacamos Hymes (1964) que também adota a noção de contexto de situação e propõe a caracterização do contexto a partir de pontos de observação tais quais: lugar social, participantes da comunicação, fins da comunicação, forma da mensagem, os códigos utilizados, normas da interação e gênero utilizado na comunicação.

Outra visão sobre contexto, exposta por Goldwin e Duranti (1992), autores também apresentados por Koch (2005), estabelece que o contexto é um *frame* (Goffman, 1974). Para esses autores, examinando o evento como um todo, torna-se possível a compreensão acerca do conjunto dos enunciados. Nesta perspectiva, a investigação acerca do enunciado envolve o campo de ação no qual ele está inserido.

Os autores consideram que para que se desenvolva a interpretação de um texto é fundamental que se observe a perspectiva dos participantes da ação em análise e a forma que eles percebem as situações a que pertencem e propõem ainda como fundamental para a análise do contexto, pontos como o cenário, o entorno sócio-cultural, a linguagem como contexto, os conhecimentos prévios e o contexto como práxis interativa entre o objeto de observação e o todo. A pressuposição dos autores é de que um dizer anterior fornece contexto para outros dizeres. Nesta conjuntura, a pragmática, com sua teoria de atos de fala, vem para desfazer a visão de contexto como entorno verbal, como co-texto. Segundo Koch, contexto já não é mais considerado uma seqüência de combinação de frases, cuja unidade de coerência seria obtida através da reiteração dos mesmos referentes ou do uso de elementos de relação entre segmentos maiores ou menores do texto. Agora com a atenção na necessidade de se considerar a situação comunicativa para a atribuição de sentido a elementos textuais, o estudo do texto é voltado para a descrição das ações dos usuários da língua na utilização da linguagem, que passa, então, a ser considerada como atividade intencional e social.

Neste momento, a visão sobre os interlocutores inseridos no jogo social que tem suas condições, que lhes estabelece deveres e limita a liberdade não é suficiente. Há ainda a noção de que a linguagem participa de determinada cultura com suas tradições, seus usos e costumes. Começa a ser levado em conta, então, outro tipo de contexto, o sócio cognitivo. É sabido que as pessoas não compartilham como um todo, os mesmos conhecimentos, mas é necessário, numa interação, que seus conhecimentos cognitivos tenham algumas semelhanças de conhecimentos enciclopédicos e sócio interacionais. Cada indivíduo traz consigo sua bagagem cognitiva, seu contexto, que na interação não deixa de se ampliar, de se alterar, havendo assim, ajustes e criações de novos contextos.

Segundo Koch (2005), poder-se-ia afirmar que todos os contextos estão, em conjunto, no contexto cognitivo já que o co-texto, a situação comunicativa, as ações comunicativas e interacionais, fazem parte do domínio cognitivo de cada participante; isto é, “tem participação em sua memória como acontece também com o contexto sócio-histórico-cultural” (Koch, 2005).

A Lingüística Textual hoje, então, entende o contexto não só como co-texto, como situação de interação imediata, mas como situação mediata, que é o entorno sociopolítico-cultural, e o contexto sóciocognitivo dos participantes, englobando na definição todos os conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais. A Lingüística Textual considera partes do contexto além do conhecimento lingüístico, o conhecimento da situação comunicativa e de suas regras como jogo (a situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades da língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento de gêneros ligados a diferentes práticas sociais e o conhecimento de textos anteriores ou atuais que se reproduzem em determinada cultura (a intertextualidade). Todos esses conhecimentos apresentados por Koch (2005), segundo a autora, agem na interação de forma conjunta por meio de algumas estratégias como a busca da relevância, as estratégias sócio-interacionais como preservação de faces, polidez, atenuação e as estratégias textuais como conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto que objetiva o seu “projeto de dizer”. São as pistas, as sinalizações, as marcas deixadas por ele.

Koch (2005) assume que apesar de um aparente consenso existente hoje sobre a idéia de que nenhuma análise lingüística de qualquer ordem pode ser feita sem que se faça intervir em algum momento, elementos exteriores aos dados lingüísticos, existem também críticas a este tipo de abordagem.

As críticas feitas à importância dada ao contexto, no entanto, não ficam sem resposta e a atual lingüística textual apresenta argumentos para fundamentar a importância que dá para o contexto. Assegura, por exemplo, que o contexto é coextensivo à própria ocorrência lingüística e que por isso o próprio discurso se encarrega de fornecer condições para sua interpretação. O contexto justifica e tem influência sobre as unidades lingüísticas, esta é a chamada concepção *standard*.

Koch afirma que há, sim, problemas em muitas propostas que defendem o contexto, mas isto ocorre porque o contexto de situação é visto como algo dado no mundo real. O problema está no fato de que se entender, quando se fala no contexto de situação, a situação como lugar real quando se deve entendê-la como um jogo de fatores e relações que constituem condições de uso significativo da linguagem, ordenadas em relação ao sujeito. Assim, o contexto é intermediário entre a situação e o sistema lingüístico.

Ao tratar de enunciados escritos, Koch (2005) postula que o contexto de uso por meio de sinalizações é o responsável por estabelecer relações entre a informação explícita e os conhecimentos pressupostos. Tais significações têm a função de levar o interlocutor a recorrer ao contexto sóciocognitivo que engloba a situação comunicativa, os *scripts* sociais e os conhecimentos intertextuais.

Para que se identifique a necessidade de preenchimento de lacunas no texto, o próprio texto fornece pistas e indícios para que se depreenda a pretensão do autor. Isso ratifica a idéia de que, qualquer que seja a situação comunicativa, o sentido do texto não está produzido somente na estrutura textual, muita coisa está implícita e o produtor do texto pressupõe da parte do interlocutor, conhecimentos exteriores, o que lhe permite, por vezes, mais diretividade e menos comprometimento por causa da possibilidade de inferenciação.

As formas de pensar sobre o contexto admitem, primeiramente, sua

presença nos dizeres, salientando de formas diferentes o grau de sua influência nos discursos.

Ao se trabalhar a partir da visão pragmática de interação, o contexto é encarado, neste trabalho de dissertação, como conjunto das condições que envolvem o momento comunicativo. Por isso tomamos como fundamental, para esse pensar sobre o feminismo, a colocação de Malinowski de que “um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação”. (MALINOWSKI, 1923, apud Koch 2005).

Essa visão de contexto está em acordo com o que propõem os autores Goldwin e Durandi (1992) ao considerarem essencial o conhecimento acerca do cenário da situação comunicativa e daquilo que o envolve como o entorno sócio-cultural e a perspectiva dos participantes.

1.3 A representação do sujeito na sociedade

1.3.1 Conceitos lingüísticos na teoria da face de Goffman

Para Goffman (1980), todo ato de comunicação está ligado às relações sociais. A construção e a manutenção da face servem à manutenção dessas relações sociais ou são meios estratégicos para que se consiga mudanças nessas relações.

1.3.1.1 Quanto à língua e a linguagem

Pode-se notar que na construção da teoria de face, Goffman (1980), não imprime destaque à “língua” como objeto de observação, por considerar que esta não envolve tudo o que há no momento interativo. Os gestuais, as expressões faciais, os movimentos e as entonações não podem ser percebidos se nos atermos somente aos atos verbais. O autor, ao tratar de comunicação direta, destaca a importância da linguagem ao prever um padrão de atos verbais como sendo parte da comunicação, mas enfatizando o papel dos atos não-verbais tais como o psicofuncionamento, o lugar social, etc. Pode-se observar este posicionamento a partir de um trecho do próprio autor:

A expressividade do indivíduo parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividades significativas. A primeira abrange os símbolos verbais, os seus substitutos, que ela usa propositalmente

e tão só para vincular a informação que ele e os outros acham estar ligadas a esses símbolos. Esta é comunicação no sentido tradicional, estrito. A segunda inclui uma ampla gama de ações que os outros podem considerar sintomáticas do autor, deduzindo-se que a ação foi levada por efeito a razões diferentes da informação transmitida. (GOFFMAN, 1980)

Goffman (1980) considera que os atos verbais somados aos não-verbais constituem a linguagem, mas o que faz a diferença nos sentidos são os atos não-verbais. Para o autor, das duas formas de comunicação dadas e expressões transmitidas – os atos verbais e os atos não-verbais – deve-se levar em conta primordialmente a última, a de tipo mais teatral e contextual, a de natureza não verbal.

Enfim, para Goffman(1980), a língua é uma estrutura que permite a significação a partir de símbolos verbais rijos, enquanto a linguagem expande as possibilidades significativas para os sujeitos e contexto.

1.3.1.2 Quanto ao sentido e ao sujeito

Partindo da visão sociointeracional tomamos neste trabalho o sentido como construção não original formada pela língua, pronta para ser passada para o interlocutor, ele é uma constituição dos próprios atos não-verbais. Além disso, o sentido é uma eterna busca do sujeito que se utiliza de "máscaras" ou de "papéis" a fim de alcançá-los e passá-los para o interlocutor.

A noção de máscara carrega a conotação de falsidade, mentira ou oportunismo. Mas, se considerarmos que o sentido não é algo original, podemos entender que as máscaras são utilizações diferentes para realidades diferentes, não pré-determinadas, mas que se dão nos momentos específicos.

Há que se levar em conta, também, que as máscaras nem sempre são construídas pelos indivíduos que as utilizam, mas são de constituição social, "trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade". Então, "ela é um valor social".

Podemos considerar que para Goffman (1980), as máscaras não são pré-construídas, pois para o autor a realidade não é histórica, isto porque os conhecimentos não são acumulados, tudo acontece no momento da interação: as estratégias, as regras, as intenções e os sentidos. Para o autor, anterior – o conjunto de conhecimentos trazidos pelo indivíduo - não determina

definitivamente uma máscara, pois o que se espera do sujeito, por vezes, pode, quase sempre, ser alterado por fatores de necessidade da interação, como as influências do lugar social, por exemplo. No entanto, o anterior existe como influência na comunicação e na construção da imagem, o que fica claro, quando Goffman (1980) trata de “tipo”, termo que remete obviamente à pré-construção: “podem também supor, baseados na experiência passada que somente indivíduos de determinado tipo são provavelmente encontrados em dados cenários” (Goffman, 1980).

Todo o conhecimento trazido pelo indivíduo como memória social - os códigos, as normas, as pressuposições - o que é referido neste trabalho como anterior, dá a base sobre a qual o sujeito se constrói, mas não é a única influência a que o sujeito se submete. Na perspectiva da teoria de face, existem também a vontade pessoal e, principalmente, as necessidades do momento interativo. O anterior não delimita o sujeito, mas dá as referências que o auxiliam na compreensão sobre a imagem necessária no momento comunicativo. É neste momento que se produz a necessidade, que não é desejo. Por vezes o desejo fica em segundo plano, podendo causar no sujeito certo desconforto com a máscara utilizada. Goffman (1980) afirma, sobre esse desconforto: “de diferentes modos, em diferentes sociedades, exigir-se-á que as pessoas mostrem auto-respeito, recusem certas ações por estarem acima ou abaixo de si mesma, ao mesmo tempo em que se forçam a desempenhar outras, mesmo que isto lhe custe muito caro”(Goffman, 1980).

Esta abordagem sobre as perspectivas conceituais da teoria da face, estabelecida por Goffman (1980) pode-se concluir que a interação é o centro das constituições do jogo comunicacional.

As máscaras fazem-se de acordo com as necessidades, mas isto não se dá de forma arquitetada. Elas, além de serem adaptações individuais perante a realidade, são atributos sociais aprovados, constituídos para a eficiência da comunicação e para, na medida do possível, o bem estar dos integrantes.

1.3.2. Imagem social

No princípio de seus trabalhos sobre a representação do sujeito na sociedade, Goffman (1985) trata dos estudos de interação sem formular ainda

um nome que considere adequado para isto. O objeto de importância, no entanto, é, pelo autor, identificado como a classe de eventos que ocorrem durante a co-presença e em virtude da co-presença dos indivíduos e define os materiais de análise como sendo o comportamento que engloba olhares, gestos, posicionamentos e colocações verbais. Como este trabalho de dissertação investiga textos escritos, ater-se-á, então, aos posicionamentos e as colocações verbais que são signos de orientação e envolvimento presentes nos enunciados escritos.

Para o autor, é com esses materiais que as pessoas envolvidas intencionalmente ou não em um encontro alimentam a situação, eles são mostra de pequenos comportamentos investigáveis e explicáveis. O objetivo ao observar esses dados é descrever as unidades naturais de interação começando com as menores pistas, além de alcançar a compreensão da ordem comportamental. No que o autor chama de jogo de expressão, o alinhamento é o que determina a ocasião social. Apesar de também ser determinado por ela.

Uma séria etnografia, segundo Goffman (1985) é o que possibilita o alcance desse objetivo, pois é preciso identificar os incontáveis padrões e seqüências naturais de comportamento que ocorrem no contato entre pessoas. O autor informa que é preciso que se vejam os eventos comportamentais como um objeto distinto de outras áreas, como as de relações sociais, de sistemas de comunicação e de interação estratégica. É claro, porém, que o autor trabalha na perspectiva de uma sociologia de ocasiões já que, para ele, a organização social é um tema central que aglomera a co-mistura de pessoas e os empreendimentos de inter-relacionamentos temporários que surgem de “de chegadas e de mortas partidas” (Goffman, 1985), ou seja, de reuniões sociais, que são entidades mutáveis, esvaecestes.

São as relações sintáticas entre os atos de diferentes pessoas que são o objeto de estudo da interação, e não os indivíduos e sua psicologia; todavia, os atores individuais têm seu grau de importância nas análises, já que são eles que contribuem com os materiais fundamentais de comportamento.

Toda interação é um tipo de relação social e vem imersa em desejos de conforto momentâneo e em expectativas quanto à relação futura; a preocupação dos participantes ultrapassa o momento do encontro em vista do

depois. Mas, para que o sucesso do presente e a esperança do bom-futuro se realizem, é necessário que os participantes trabalhem tendo em vista os pressupostos, os lócus, os acertos e combinações fincados no contexto histórico-social. É importante também que eles tenham em vista, ou apenas tomem com naturalidade, a noção de que as relações estão sempre em processo de mudança.

Muitas relações sociais, porém, parecem já estar cristalizadas, como por exemplo, as de membros que devem garantir apoio a determinadas imagens construídas, quase como um dever posto por identificação mútua. E para que se evite o rompimento de tais relações é necessário que uma pessoa participe de encontros com determinado tipo de outros indivíduos dos quais dependerá para manter sua própria imagem. As relações sociais são, então, segundo Goffman (1985), o modo pelo qual uma pessoa é forçada a confiar sua auto-imagem à conduta de outros. Enfim para que se sustente sua imagem e seus sentimentos, o indivíduo deve esforçar-se para obter e manter em si características de confiabilidade e auto-engrandecimento e deve, também, dispor-se a fazer o mesmo pela imagem de cada um dos outros participantes da interação da qual participa.

Após a fase anteriormente descrita, Goffman (1980) passa a formular definições efetivas acerca da teoria de elaboração de face, que é a base da análise proposta neste trabalho de dissertação. Na obra *A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social*, o autor apresenta os pontos cruciais para a constituição da teoria.

A interação social, obviamente, continua a ser o espaço no qual o objeto de estudo se encontra. Os encontros sociais, meio comum a todas as pessoas, sendo o responsável pelos contatos face-a-face ou mediados entre os participantes de quaisquer enunciados acarretam a formação de comportamentos e atitudes que passam a ser sempre separados como uma tradição inevitável.

Para Goffman (1980), nos contatos sociais, as pessoas tendem a pôr em ação um padrão de atos verbais e não-verbais que, em conjunto, expressam sua visão da situação, dos outros participantes e de si mesmas. Esse padrão o autor chama de alinhamento, que pode ser consciente ou inconscientemente seguido por uma pessoa e que possibilita aos outros participantes da interação

a formação de hipóteses sobre a pessoa enunciativa. Por meio da compreensão do alinhamento tomado, os participantes supõem a posição que o enunciador, mais ou menos voluntariamente, assume e o enunciador, por sua vez, sabendo disso, age levando em consideração a impressão que possivelmente os demais participantes podem formar sobre ele.

A partir do surgimento do livro citado, Goffman passa a apresentar o conceito de face. Para o autor, o termo pode ser definido como “valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser o alinhamento por ela tomado durante um contato específico” (Goffman, 1980). A face é uma imagem do *self* formada e inserida a partir dos atributos sociais aprovados que pode ser partilhada por muitas pessoas (o termo *self*, assim como outros mencionados neste trabalho, é utilizado sem tradução para o português por tratar-se de termo técnico comum na teoria pragmática).

A face proporcionada a uma pessoa pelo contato com os outros provoca nela uma resposta emocional imediata e os sentimentos produzidos ficam ligados a ela. Os sentimentos envolvidos podem ser agradáveis se os eventos proporcionam à pessoa uma face melhor do que ela esperava, ou desagradáveis se ocorrer o contrário, se suas expectativas não forem preenchidas. Se a imagem produzida está relacionada à pessoa há muito tempo o ímpeto emocional não ocorre, pois tal imagem é vista como natural.

Também provoca sentimentos o contato com a face dos outros, este envolvimento é tão imediato e espontâneo quanto o envolvimento com a própria face, isto porque tanto a face dos outros quanto a própria face são construtos da mesma ordem e são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento envolvido.

O sucesso diante de um grupo e em determinada situação se dá quando se alcança a manutenção da face, e isso ocorre quando o alinhamento a que a pessoa se propõe seguir faz-se consistente, quando ela está apoiada por julgamentos transmitidos pelos outros participantes e por evidências transmitidas pela situação, ou seja, quando ela se apresenta como aceita e aceitável ou verdadeira. Sendo assim, pode-se entender que a face não é algo definido, alojado em uma pessoa, ela é algo que, segundo Goffman (1980), localiza-se difusamente no fluxo dos eventos e que se forma, se constitui e se

desenrola no encontro.

O alinhamento a ser seguido por uma pessoa, assim como a sua face, não é criado apenas pela própria pessoa, mas para ela pela sociedade. Para Goffman (1980), o alinhamento mantido por uma pessoa durante o contato tende a ser de tipo legítimo e institucionalizado. Em determinado contato com outras pessoas, um indivíduo que tem para si seus atributos como sendo reconhecidos ou visíveis pode esperar que o mantenham em forma de face específica e sentir que isto é moralmente apropriado. Depois de determinada a natureza do encontro e de aceitos seus atributos, o indivíduo passa a usufruir de uma determinada margem de escolhas tanto de alinhamentos quanto de faces, mesmo porque, com base em seus poucos atributos conhecidos, é conferida ao indivíduo a responsabilidade de possuir outros.

O que parece até aqui é que, para a escolha de um alinhamento e para a constituição de uma face, uma pessoa focaliza sua atenção no contato, no momento presente. No entanto, é importante que para essas escolhas serem feitas, a pessoa leve em consideração seu lugar no mundo social mais amplo, ou seja, para que uma pessoa se mantenha em determinada face no presente é necessário que ela tenha feito certas escolhas de ações no passado. O futuro também é levado em consideração pela pessoa que mantém determinada face, pois é, também, nele que ela espera aceitação dos outros e consideração deles por seus sentimentos. Desta forma, fica clara a interdependência no momento de contato com o mundo social. Mas mesmo esta interdependência apresenta limite, quando o encontro relaciona pessoas que não mais se encontrarão, não importando, assim, um possível descrédito de que no futuro, já não poderá causar desconforto e humilhação.

O desconforto frente à situação se dá quando a pessoa está na face errada e, segundo Goffman (1980), isto ocorre quando surge uma informação acerca do seu valor social que não se ajusta à linha que por ela está sendo seguida. O autor também determina que uma pessoa está fora de face quando ela participa de uma situação sem que tenha prévio conhecimento do alinhamento normalmente seguido pelos outros participantes. Estar fora da face não causa desconforto quando isso ocorre propositalmente por meio de ironias, ou mesmo que o desconforto seja causado, não é nada sério quando este é o objetivo de uma brincadeira, por exemplo: fazer com que uma pessoa mostre a face errada

ou perca a face.

Os sentimentos de confiança e segurança normalmente acompanham a pessoa que está em face, que se mantém no alinhamento pretendido. Assim, ela se apresenta abertamente e de cabeça erguida para os outros. Já quando uma pessoa está em face errada ou fora de face, a tendência é que ela se sinta envergonhada ou inferior e se preocupa com o que pode acontecer à sua reputação e sente-se mal com a ameaça feita ao *self*, ao qual ela havia se ligado emocionalmente todos esses problemas, e a falta de apoio em termos de julgamento pode incapacitá-la como participante no encontro e, neste estágio, ela fica *shamefaced* (envergonhada). Para suprimir ou ocultar a possibilidade de estar *shamefaced* durante os encontros, a pessoa pode utilizar-se do que Goffman (1980) chama *aplomb*, termo que pode ser entendido como estratégia de salvamento de face e esta é a forma pela qual a pessoa sustenta, para os outros, a impressão de não ter perdido a face. É o que permite à pessoa controlar seu embaraço e o desconforto que o mesmo pode causar às outras pessoas. Cada cultura apresenta seus métodos de salvamento de face, seu *savoir-faire*, sua habilidade social.

Todo este esforço por parte da pessoa é importante, pois, depois que ela assume determinada auto-imagem deve preencher certas expectativas que provêm de sua escolha e será exigido dela, pela sociedade, que recuse certas ações não compatíveis à sua face e que desempenhe outras, mesmo que isto lhe custe caro. A pessoa passa a ter uma responsabilidade não apenas consigo, mas com a ordem expressiva específica da situação para que, não apenas ela, mas todos os participantes permaneçam confiantes e confortáveis por saberem estar envolvidos em um fluxo de evento regulado. Se uma pessoa se esforça desta forma como em um dever para consigo mesma ela está agindo por orgulho, como determina Goffman (1980), mas quando este esforço está voltado para um dever a unidades sociais mais amplas, e recebe o apoio de tais unidades, fala-se em honra. Da mesma forma que um sujeito trabalha pelo auto-respeito, ele também deve se esforçar em salvar os sentimentos e a face dos outros presentes, mostrando identificação emocional.

Mesmo separando os interesses de salvamento de face em âmbitos pessoal e coletivo, devemos não nos esquecer de que a face de uma pessoa é uma construção social, é apenas um empréstimo a ela feito pela sociedade que

pode, inclusive, retirá-lo caso a pessoa passe a não merecê-lo. Ao mesmo tempo em que esta atribuição social oferece à pessoa segurança e prazer, também a prende a uma coerção social da qual ela não deve escapar e, além disso, não deseja escapar, ou seja, “cada homem é seu próprio carcereiro e gosta de sua cela” (Goffman, 1980).

É importante a aceitação mútua de linhas e faces, pois as expectativas são previamente criadas e a construção da interação é feita em torno do pré-estabelecido; então evitar uma alteração radical de linha é evitar uma confusão que desconcertaria todos os participantes que se preparam para o encontro. A manutenção de face é, portanto, uma condição da interação e não um objetivo dela.

O salvamento de face pode seguir dois pontos de vista, sendo um de orientação defensiva, no sentido de salvamento de face própria e outro no sentido de proteção à face dos outros, mas, geralmente, esses pontos tendem a se unir, a coexistir quando alguém, ao tentar salvar a face dos outros, não coloca em risco a sua própria face ou quando, salvando a própria face, considera a possível consequência disso à face dos outros.

Goffman (1980) apresenta dois tipos básicos de elaboração de face. O primeiro deles é o denominado processo de evitação que consiste em evitar tipos de contato nos quais existam probabilidade de ocorrência de ameaças. Quando o contato inevitavelmente ocorre, entram em jogo outras formas de evitação que podem se dar na tentativa de afastar-se de tópicos ou atividades inconsistentes ao alinhamento proposto ou pretendido, ou de, ao menos, modificar a direção da conversa ou da atividade em questão. A pessoa pode utilizar-se também de polidez, de afastamento, de discricção, de ambigüidades, ou deixar de expor fatos que poderiam embaraçar os participantes. É possível, também expor com antecedência a possibilidade de ocorrência de algo que poderia afrontar os outros na tentativa de neutralizar o ato potencialmente ofensivo, ou ainda, reconhecer abertamente o incidente como evento ocorrido mas não considerá-lo como uma expressão ameaçadora.

O outro tipo de elaboração de face é o processo corretivo. Este ocorre quando não é possível ignorar, disfarçar ou minimizar um incidente constrangedor tomando-se, então, necessário tentar corrigir seus efeitos. A situação formada mostra entre os participantes um desequilíbrio e, na

interação, uma desgraça ritual. O que deve ser feito, neste momento, é uma tentativa de restabelecimento de um estado ritual satisfatório.

1.4 A linguagem e o lugar do sujeito

Na comunicação, além das palavras propriamente ditas e dos conceitos e idéias conscientemente defendidos ou renegados, surgem, também, os pormenores lingüísticos verbais e não-verbais que muito podem esclarecer o observador quanto a intenções camufladas, reproduções inconscientes ou inevitáveis e convenções sociais.

As intenções podem ser veladas pela utilização, por exemplo, de hibridismos, ambigüidades ou estratégia de polidez na intenção de que não se abalem as estruturas dos indivíduos, estruturas estas apoiadas pelas convenções sociais, que ditam certas regras das quais não se podem fugir, mas, está também presente nos enunciados de certas bases vocabulares ou de pensamento já cristalizados na linguagem e na cultura, as quais não se sabe bem de onde vêm. Uma possibilidade é que a origem esteja no entorno sócio-político e na história de cada sociedade. O fato é que “muito do que dizemos não conhecemos. Temos em nossa mente mais coisas, sabemos saber” (Lakoff, 1975).

Também tratando desse tema, Lakoff (1975), afirma que a linguagem é mais amenable precisa na reprodução do papel e não menos ambígua, analiticamente, do que as outras formas do comportamento humano. Ela carrega em si os traços gerais de uma sociedade, mas permite, também, que se insira nela as peculiaridades dos indivíduos. Todavia esses indivíduos também trazem em si traços que a sociedade lhes imprime podendo, inclusive, alguns deles estarem tão estabelecidos que parecem naturais.

Este é o caso da constituição social do sujeito como feminino ou como masculino, e, de acordo com esta classificação, é que as pessoas passam a assumir ou aceitar determinados papéis sociais e até lingüísticos.

Lakoff (1975), em seu livro *Language and woman's place*, discute a visão e a atitude da mulher na sociedade contemporânea com relação à utilização da linguagem. Para Lakoff, a língua usa as pessoas na mesma forma

que as pessoas usam a língua, ou seja, da mesma forma que as escolhas dos indivíduos são guiadas por seus pensamentos, pelo que querem expressar, esses pensamentos – e até mesmo os sentimentos – estão inevitavelmente ligados ao “mundo real”, o mundo das determinações sociais. As escolhas que parecem totalmente livres, na verdade, são um tanto governadas por tudo o que há em nossa volta, pelo que está para trás de nós e pelas expectativas. São os sentimentos humanos sobre o mundo que determinam o pensamento e as escolhas das expressões; então, o comportamento lingüístico é um diagnóstico dos sentimentos escondidos.

Um exemplo disso está nas situações similares que envolvem o inesperado interesse e outras reações emocionais da parte de um falante sobre o seu enunciado: enquanto dois falantes podem estar dissertando sobre o mesmo tópico ou situações do mundo real, suas descrições podem soar como completamente não relacionadas. Isto acontece unicamente devido às escolhas lingüísticas que fazem, influenciados pelas realidades que os cerca. As ações podem ser interpretadas em aberto ou as percepções podem ocorrer de acordo com os desejos. Mesmo que os dados lingüísticos estejam presentes, as ações podem ser torcidas até que pareçam apropriadas.

É devido às convenções que as pessoas são levadas a assumir identidades compatíveis ao seu lugar social; e estar fora do aceitável pode acarretar exclusão. Isso não impede, totalmente, que algumas “torções” sejam feitas, que regras sejam burladas. O que acontece é que os indivíduos, a partir de seu comportamento, arquem com os resultados de suas decisões.

Isto ocorre, segundo Lakoff (1975), em áreas emocionalmente carregadas, como, por exemplo, a área do sexismo em outras formas de comportamento discriminatório. Os papéis do homem e da mulher são uma mostra do que está bem determinado socialmente, mesmo em termos lingüísticos.

Lakoff (1975) afirma que a experiência da mulher quanto à linguagem é discriminatória em relação à forma como ela é ensinada a usar a língua e quanto ao seu uso geral da língua. Ambos os caminhos tendem a levar a mulher a uma função subserviente e, teoricamente, certos itens lexicais significam certos fatores aplicáveis ao homem e outros à mulher. As afirmações não devem ser feitas exceto com referência aos papéis sociais dos sexos.

No conjunto do pensamento social, a mulher é acusada de ser incapaz de pensar claramente e de se expressar precisamente, com força. Elas são ridicularizadas se não possuem uma fala considerada feminina ou se recusam a utilizá-la, enquanto os homens, desde a infância, são, de certa forma, impelidos a utilizar uma fala mais dura.

Segundo pesquisas da autora, os meninos são levados a inovar mais do que as meninas e a participar das discussões sérias. Tal situação em alguns meios permanece, porque não acatar determinações sociais provoca discriminação. A linguagem tida como feminina possui diferença na escolha e na frequência dos itens lexicais, na entonação e em outros padrões supersegmentais. É considerado, por exemplo, que a mulher faz descrições mais precisas nas descrições sobre as coisas e que isto está fora do uso masculino, que dá importância não a detalhes, mas à relevância para o mundo real. Outra consideração quanto ao uso lingüístico da mulher consiste na noção de que ela se preocupa mais com explicações e discussões, enquanto os homens são inspirados em decisões de assuntos importantes.

Mulheres tendem a usar adjetivos que têm, além do seu sentido específico e literal, outro sentido que indique admiração, sentimentos do locutor, além de darem respostas propositalmente incertas, a fim de dar espaço para que sejam contestadas. O discurso da mulher soa mais polido do que do homem, deixando as decisões em aberto, não impondo seus pensamentos e suas visões sobre as coisas. O estado de polidez é uma questão de etiqueta, ele não força a concordância do endereçado. Assim, uma opinião ou uma sugestão pode aparecer em forma de pergunta ou como um pedido.

A polidez, segundo Lakoff, apresenta-se de diferentes modos em três regras e o uso de cada uma dessas formas de polidez causa diferentes resultados. Uma é a polidez de *formalidade*, que permite que o emissor se mantenha reservado quanto ao assunto. Outra é a polidez de *deferência*, que oferece ao interlocutor um lugar de superioridade e lhe dá opções quanto ao assunto. A última é a polidez de *camaradagem*, que mostra, por parte do emissor, simpatia em relação ao interlocutor.

Enfim, o discurso da mulher é peculiar quanto à aplicabilidade sintática que é governada pelo reconhecimento de seu lugar social e pela preocupação com a impressão que seus atos causam aos outros. Desta forma, a mulher passa a

não ser levada a sério, a não ser considerada confiável ou seriamente responsável. É como se ela não conseguisse se afirmar satisfatoriamente, como se não estivesse segura de si mesma.

Algumas mulheres que não querem permanecer como servas passam de uma linguagem de mulher para uma linguagem neutra, principalmente na profissão. As delicadezas extremas, o excesso de interrogações, os constantes pedidos, passam a ser deixadas de lado sem que se passe a utilizar, necessariamente, o alto tom de voz ou imperativos. Ela tenta evitar uma ordem direta, não assumindo uma posição superior em relação ao outro; assim ela promove a satisfação do interlocutor e ele decide sem implicações.

A mulher se torna, então, um ser “bilíngüe” e, na opinião de Lakoff, como todo ser bilíngüe, ela não é mestre em nenhuma das “línguas” de que se utiliza, o que acaba mantendo o conforto esperado pela sociedade conservadora. Ela não sabe quando usar a neutralidade nem com quem e não deixa de preocupar-se com a desaprovação. As pessoas podem receber calorosamente a mulher que usa linguagem feminina ou a neutra, causando nela uma indecisão lingüística. Desta forma, o acesso ao poder e a ocupação de territórios ficam comprometidos por seu inidentificável comportamento lingüístico.

É sabido que há meios sociais em que as mulheres estão assumindo postos e discursos considerados masculinos em detrimento tanto do discurso feminino quanto do discurso neutro. Não se sabe por que ainda os discursos são definidos desta forma. Lakoff (1975) apresenta alguns questionamentos acerca de certos posicionamentos sociais:

Por que as mulheres são supostamente mais polidas que os homens? E por que os homens precisam sê-lo na presença de mulheres? Por que as feministas se sentem afrontadas por causa desta polidez feminista e por que elas sentem que esta polidez deveria ser abolida para que existisse uma verdadeira equidade entre os sexos (Lakoff, 1975:75).

1.5 O comportamento social na constituição e manutenção da imagem social.

Os estudos sobre comportamento polido já estiveram, segundo Watts (1987) mais certos de suas definições sobre polidez e impolidez. Hoje, porém existem pensamentos divergentes quanto à determinação desses termos e, até mesmo, alguns incrédulos quanto à possibilidade de uma definição única sobre eles. Isto porque pesquisadores que observam tais fenômenos lingüísticos em diferentes regiões apresentam ponto de vista culturalmente diferentes.

Segundo Watts (1987), o maior problema envolvendo o tema polidez é a desnorteante ambigüidade no uso dos próprios termos “polido” e “polidez”. Seus significados são reproduzidos e renegociados sempre a cada interação, podendo sugerir delicadeza, cortesia, amizade, etc. Podem também variar de acordo com a cultura em que são usados.

Os informantes gregos, por exemplo, dão como característica fundamental da polidez a expressão de preocupação e consideração por aquele a quem se dirige. As percepções gregas de polidez destacam os valores de amizade e intimidade. A preferência chinesa é pela clareza, para os chineses polidez é etiqueta, cerimônia. Já para os ingleses a polidez se caracteriza pela formalidade, pela discreta manutenção de distância, pelo desejo de não impor-se e por expressões de altruísmo, de generosidade, moralidade e auto-abnegação, como constata Watts (1987).

O que pode se deduzir é que não é adequado partir de uma língua ou de um grupo social para a formulação de um conceito científico universal para todas as línguas e culturas, pois a polidez é um estado constante de mudança e fluxo histórico é, então, adequado que se preocupe menos com os adjetivos atribuídos ao comportamento polido, a fim de que se volte a atenção ao objetivo do enunciador com o seu uso.

O que se deve assumir é que em todas as culturas humanas são encontradas formas de comportamento social que são classificadas pelos membros como mutuamente compartilhadas. A interação cooperativa e a demonstração de consideração pelos outros são características universais de todo grupo sócio-cultural. Também são encontradas formas de comportamento social que violam os princípios da cooperação mútua e a demonstração de consideração pelos outros. Isto porque falantes nativos de qualquer linguagem têm ideais individuais sobre o tipo de comportamento que devem assumir, no

entanto, no geral, o comum é que se assuma que é provável existir um núcleo de acordo sobre o que se quer dizer.

O consenso diz que o comportamento polido equivale ao comportamento socialmente “correto” ou “apropriado”, sendo interessante para o pesquisador trabalhar acerca do que é “certo” e “apropriado” para o meio cultural que envolve os participantes da interação em observação.

Nem todas as interações ocorrem em formatos discursivos institucionalizados, então, algo que também deve ser considerado pelo pesquisador é que a própria interação ou seus participantes podem auxiliar na formação de comportamentos polidos ou impolidos. A polidez surge na interação, não se nasce com polidez, ela é algo que se aprende na socialização.

Deve-se considerar, também, que existem as necessidades e julgamentos individuais que podem transcender o código de comportamento social. Alguém pode ser considerado polido quando está sempre preocupado em relação às outras pessoas, no entanto, para alguns esse comportamento pode sugerir auto-cancelamento ou até mesmo esquivez, arrogância, ou seja, de acordo com o tipo ou momento, a polidez pode apresentar-se positivamente ou negativamente, contrariando as expectativas criadas pelo valor que nossa sociedade dá à palavra polidez.

Segundo a autora, a classificação de impolidez costuma ser mais facilmente compartilhada pelos teóricos como o extremo negativo. É comumente considerada uma forma relevante de comportamento social no que vai contra os cânones do comportamento apropriado e aceitável nas interações sociais. Ela é normalmente vista como comportamento rude, descortês, turbulento e, até mesmo, sanguinolento. Ela ocorre quando um dos participantes de uma interação quebra o “contrato conversacional”, quando ele viola os direitos e obrigações desse contrato.

O contrato conversacional consiste em um conjunto de comportamentos esperáveis em determinado meio social, mas mostra-se relativo diante do contexto das interações, por isto a impolidez, se observada em relação ao momento, pode não ser entendida como totalmente negativa. Ela pode ser considerada um incidente e, até mesmo, pode ser produzida intencionalmente

como uma brincadeira, por exemplo. A intencionalidade da impolidez pode inclusive, atribuir-lhe características como diretividade e força argumentativa.

Sendo tomado este caminho, pode-se pensar que todo o comportamento lingüístico pode ser apropriado aos interesses individuais sempre ligados aos limites sociais das contínuas interações. A partir dele os participantes constroem a condições para que ele e outros encontros procurando respeitar expectativas. É, então, na definição de Watts (1987), um *comportamento político* dirigido a estabelecer e manter um estado de equilíbrio nas relações pessoais entre indivíduos de um grupo social.

1.6 O comportamento lingüístico racional

O comportamento lingüístico racional, visão formulada por Brown & Levinson (1987), consiste na focalização do uso da polidez como um ato calculado pelo emissor.

A teoria de polidez lingüística como salvadora-da-face, produzida por Brown & Levinson (1987), é construída sobre a teoria de face de Goffman (1980), mas apresenta, também, diferenças com relação à sua teoria-mãe quando toma polidez como comportamento racional finalístico.

A proposta dos autores consiste na defesa da existência de uma “pessoa modelo”, representada por MP, que age a partir do raciocínio consciente objetivando resultados definidos. Para alcançá-los a MP avalia os perigos de ameaça às faces dos participantes e, conseqüentemente, à sua própria face, assim, procura minimizar os riscos formulando estratégias eficientes de polidez.

Enquanto no modelo Goffiniano é importante que se analise a forma como o uso da polidez faz efeito no receptor, no modelo de Brown & Levinson este constituinte da interação só é levado em consideração como elemento usado pelo emissor em sua avaliação sobre a estratégia mais apropriada do uso da polidez, ou seja, o foco do modelo de Brown & Levinson (1987) está no emissor, nas suas ações e seus objetivos.

O estudo de Brown & Levinson sobre comportamento social está em acordo com a teoria de Goffman (1980), quando defende que a manutenção de face é o que mais vale no jogo interativo, quando considera que há a vontade de que

se estenda a duração da interação social e que haja o mínimo de possibilidade de risco. É em prol desse interesse, que se aplicam as estratégias de polidez estabelecidas por Brown & Levinson (1987), a respeito de dois tipos de face: a face positiva e a face negativa.

A face positiva é definida pelos autores como o desejo do indivíduo de que suas metas sejam apreciadas e aprovadas por todos, e a face negativa, como o desejo do indivíduo por liberdade de ação e pela quebra das imposições. A polidez pode ser, então, aquela que objetiva apoiar ou melhorar a face positiva do receptor, a chamada polidez positiva, ou aquela que procura evitar a transgressão da liberdade do sujeito da comunicação, esta é a polidez negativa.

O sujeito pode tanto não realizar o ato de ameaça à face (FTA), quanto pode acabar por cometê-lo, sendo marcado como agente de um ato desagradável. Tal fato pode permitir-lhe amenizar o golpe realizado através de dois tipos de recolocações: a escolha de uma estratégia que melhore a face positiva do emissor, ou a preferência por uma estratégia que mitigue a apropriação sobre a liberdade de ação e de imposição do receptor. No entanto, pode ocorrer, também, que o FTA seja grave a ponto de impedir qualquer tipo de desculpa ou de redenção por parte do emissor.

Outra possibilidade do emissor está em retirar-se de registro contando com a capacidade de suposição do receptor. Com a inferência do receptor quanto ao sentido intencionado pelo emissor, este consegue eximir-se, em parte, diante de uma situação desagradável. Brown & Levinson (1987) falam, nesta condição, de polidez fora de registro.

Podemos notar, então, que para os autores, as estratégias de polidez estão direcionadas às faces positiva e negativa, como polidez positiva e polidez negativa, e que há ainda um tipo de polidez que pretende descomprometer o sujeito diante do risco. O que importa é que, para os dois autores, todas as estratégias de manutenção de face são postas em ação de forma consciente, racional, baseada na perspicácia daquele que é o mais valioso integrante do momento comunicativo, o emissor.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA E *CORPUS*

2.1. A natureza dos dados

Este trabalho objetiva fazer um estudo da elaboração de face de duas escritoras socialmente consideradas feministas: Simone de Beauvoir, a partir de trechos da quarta parte de sua obra *O Segundo Sexo. Uma experiência vivida* e Valerie Solanas, a partir de trechos de seu *SCUM Manifesto: uma proposta para a destruição do sexo masculino*

O Segundo Sexo foi publicado em 1949 por Simone de Beauvoir, e é considerada uma das obras mais célebres quanto aos estudos sócio-políticos e de maior importância para o movimento feminista em todo o mundo. Atualmente, esta obra é vista como referência quanto ao discurso feminista.

O livro trata das razões históricas, culturais e políticas da inferiorização da mulher na sociedade vigente e responsabiliza tanto o homem quanto a mulher por esta situação. O livro faz uma crítica ao homem que, na concepção de Beauvoir, vem direcionando o mundo sem encorajar a mulher a uma participação efetiva em sua organização, promovendo sua exclusão dos postos políticos e dos maiores cargos de trabalho, colocando-a no lar a cuidar do casamento e dos filhos.

A obra não deixa, também, de responsabilizar a mulher por deixar-se influenciar por setores da sociedade como a família e a religião, que a fazem acreditar não ser capaz de seguir em determinadas carreiras e de libertar-se.

O discurso de *O Segundo Sexo*, então, segue na direção de discutir a sociedade e de explicar que as pessoas dos sexos masculino e feminino são iguais e que todos devem ser livres.

O *SCUM Manifesto* é um texto panfletário publicado, em 1968, por Valerie Solanas e incita uma violenta revolução anarquista em favor de uma sociedade sem o homem que é, na concepção da autora, o veneno da humanidade, mentor e autor de tudo aquilo que, para Solanas, impede a existência da felicidade: a pobreza, a guerra, o dinheiro, o trabalho e o estado de poder.

O livro tem como objetivo, cooptar mulheres que pensam de forma anárquica sobre os problemas da sociedade e direciona-se às feministas radicais.

A escolha do *corpus* deu-se pela observação da inesperada contrariedade discursiva entre os textos de cunho feminista pertencentes, aparentemente, ao mesmo desejo político-social de emancipação e igualdade.

O trabalho observa na produção das citadas autoras o intercâmbio de seus produtos com as estruturas externas ao texto. A transformação na produção dos sujeitos está em seu comportamento com relação ao senso comum e nas suas próprias crenças. O trabalho se propõe a enfatizar o ajustamento entre os diversos componentes da cultura e da sociedade nos quais estão inseridas estas produções, procurando observar as analogias entre a organização sócio-cultural e a produção materializada.

Neste trabalho, a distinção da elaboração de face das autoras é abordada a partir das noções de face e de polidez apresentadas por Goffman (1980) e por Brown & Levinson (1987) e das considerações sócio-lingüísticas defendidas por Lakoff (1975), assim, essas noções teóricas básicas são de relevância na análise dos dados selecionados para esta pesquisa.

2.2 Método de análise

A pesquisa, feita em forma de micro análise, constitui-se de estudo de caso, com caráter interpretativo-qualitativo. Trata-se de uma análise dos procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo a comunicação em seus textos escritos. Preocupa-se em pensar sobre os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos lingüísticos presentes nos enunciados.

Algumas dúvidas existem quanto a utilização do termo “discurso” em trabalhos de análise textual baseados em teorias como a Pragmática e os estudos de construção de face e enquadres interativos, por se tratarem de noções advindas de um pensamento teórico norte-americano que muito se difere da Análise do Discurso de linha francesa.

No entanto, como afirma Cabral (1993), “o que hoje se entende por discurso inclui conhecimentos de diferentes disciplinas acadêmicas, e o interesse em analisar a língua em uso em contextos sociais definidos” sendo, exatamente, esse o interesse desta análise de textos, o termo discurso se faz

presente ao longo do trabalho pretendendo referir-se a enunciados que estão envolvidos por aspectos sociais, culturais, psicológicos, além dos lingüísticos.

A metodologia de análise a que o trabalho se propõe baseia-se não só nas teorias pragmáticas de Goffman (1980) sobre a construção da face, mas está, também, fundada nos pontos apresentados por Brown e Levinson (1987) acerca do mesmo tema. O termo face é visto por Goffman (1980) como o valor social positivo que alguém reivindica para si e que procura manter seguindo um alinhamento de comportamento assumido em determinada situação e é, além disto, um construto social em termos mais amplos. É nesta perspectiva que Brown e Levinson (1987) se baseiam para formular sua noção sobre face. Para estes, ela é uma auto-imagem pública sempre apontada para o externo e é efeito de desejos dualísticos nomeados face positiva e face negativa que consistem, respectivamente, no desejo do indivíduo de que suas ações sejam desejáveis por pelo menos alguns membros.

São tomados trechos relacionados aos textos *A mulher independente*, capítulo um da quarta parte do livro de Simone de Beauvoir *O segundo sexo. A experiência vivida* (1967), que trata da situação da mulher no mundo industrial e capitalista. E também trechos do livro *SCUM Manifesto: uma proposta para a destruição do sexo masculino* (2000) de Valerie Solanas, que trata do mesmo tema determinado por contexto diferente.

É importante frisar que os textos são originalmente produzidos nos idiomas francês e inglês, mas que, este trabalho de pesquisa direciona seu olhar para as obras em suas versões traduzidas conforme indicado nas referências.

A proposta consiste na observação do pesquisador, do que está exterior ao texto, para que se alcance uma melhor compreensão dos enunciados. Também, quanto à importância do contexto como ponto de investigação, o trabalho observa o entorno sócio-cultural e sócio-cognitivo em que as escritoras estão inseridas, assim como propõe Hymes (1964, apud Koch, 2005) que afirma não existir a separação entre linguagem e contexto.

Esta é, enfim, uma investigação do conteúdo manifestado nas comunicações e tem por finalidade a interpretação dessas mesmas comunicações.

CAPÍTULO III

3. O CONTEXTO: O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA

Nas décadas de 1930-1940 o movimento feminista já havia alcançado a formalidade das suas reivindicações no que tange ao direito ao voto, à escolarização e ao acesso ao mercado de trabalho. Tais conquistas foram possíveis dentro do contexto das duas grandes guerras, que cooptaram os homens, deixando vagos os postos de trabalho que foram ocupados por mulheres. A partir deste fato, cresceram oportunidades de novas conquistas institucionais e, principalmente, de criação de uma nova visão de mulher.

Foi nesta perspectiva que o feminismo ressurgiu na década de 60, sob o longo período de reorganização política do pós-guerra e de necessidade de reformulação de identidades. Sob a influência de publicações como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, o movimento feminista afirma a não existência de uma hierarquia biológica entre os sexos, mas uma construção social de tal hierarquia é perpassada na luta de igualdade por direitos no âmbito legislativo, em detrimento do questionamento das origens sociais e culturais das desigualdades.

Para o senso comum, o "discurso feminista" geralmente é mencionado de forma pejorativa e lhe são atribuídas características como superficialidade, agressividade, enunciação repetitiva de senso (feminista) sem profundas estratégias de argumentação, uma revolta de causas até relevantes, mas desembasadas e desprovidas de senso de realidade.

O que acontece é que este discurso é visto sob o conceito de uno, quando, na verdade, sua especificidade está vinculada ao tempo, ao espaço, aos acontecimentos e aos indivíduos. O feminismo, que provoca o discurso feminista, não é um só, não foi fundado nem sobrevive sobre uma mesma base. Questões políticas diferentes e questões sociais diferentes formaram "feminismos" diferentes, que culminam em criações humanas diversas.

Apesar do objetivo comum calcado na extinção da dominação masculina e da estrutura patriarcal, são diferentes as formas e as frentes de luta do movimento feminista, e isto tem como consequência uma diversidade de vertentes que variaram ao longo da história e do contexto social.

As diferenças situam-se na identidade, no adversário, quais os focos de luta bem como as metas as quais se quer alcançar, as divergências vão da análise das raízes do patriarcalismo, à possibilidade de combater, de reformar o estado patriarcal e/ou capitalismo patriarcal, à heterossexualidade patriarcal ou ainda à dominação cultural.

O feminismo liberal e socialista tem a identidade nas mulheres como seres humanos e toma como adversário o Estado patriarcal e/ou capitalismo patriarcal, tem como meta direitos iguais, inclusive direito de ter filhos ou de não tê-los e concentrou seus esforços na obtenção de direitos iguais para homens e mulheres em todas as esferas da vida social, econômica e institucional.

Segundo o site www.hostgold.cm.br/hospedagem/feminismo, as feministas radicais tiveram origem com aquelas mulheres que começaram a se organizar em oposição às contínuas discriminações que sofriam nas organizações de esquerda das quais participavam. Identificavam nos homens os agentes da opressão, tomando as outras formas de opressão como extensão da supremacia masculina. Concentravam seus esforços na conscientização e para tanto, organizavam grupos exclusivamente femininos. Com a oposição de movimentações anti-feministas, as diferenças entre feministas radicais e liberais foram cada vez mais ficando à margem, o que possibilitou a aproximação entre essas correntes, uma vez que seria necessária a união de forças para sustentar o movimento.

A partir da década de 60, uma década após Simone de Beauvoir ter escrito o livro *O Segundo Sexo*, em que denuncia as raízes culturais e sociais da desigualdade sexual, as teorias feministas já passam por uma necessidade de compreensão do universo no qual a mulher está inserida, a partir da construção social de sua condição. Incorporam, portanto, outras frentes de luta, e começam a forjar o conceito de gênero e da hierarquia mascarada pela diferenciação de papéis.

Um movimento que tem suas origens no feminismo radical é o feminismo desconstrutivista, que acredita ser o sexo (tanto no sentido biológico quanto social) uma construção social, que deve ser rejeitada enquanto unidade de classificação. Para esse tipo de feminismo, o paradigma de dois sexos deve ser substituído por outro, que considere diversas sexualidades.

Essa fragmentação e a multiplicidade de identidades feministas não se referem necessariamente a uma fraqueza, mas, sim, a uma força, já que encontramos sociedades caracterizadas por diversos conflitos sociais e lutas pelo poder, demandando diferentes formas de aliança e de autodefinição das identidades. Não há, portanto, um movimento único feminista, mas muitas identidades diferentes e autônomas, alcançando micropoderes, baseados nas experiências adquiridas pela vida. Estas experiências são tão diferentes que denunciam a multiplicidade de identidades femininas e o multiculturalismo que não podem ser negligenciados ou ser uma única forma imposta pelo patriarcalismo.

3.1. O contexto na verificação da construção de face

A teoria da face de Goffman trata o contexto como um *frame* (Goffman, 1974) que envolve o evento sob exame e fornece recursos para sua interpretação adequada.

Consideramos que o conhecimento do contexto é de fundamental importância para a compreensão dos vários aspectos do texto e de seu sentido, além de propiciar um maior e mais profundo reconhecimento das causas e das possibilidades das escolhas textuais conscientes ou inconscientes das autoras investigadas, o que contribui ricamente para o intuito de estudar a construção de suas faces.

Para Koch (2005), "um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação", termo criado por Malinowski (1923, apud Koch 2005) juntamente com outro: "contexto de cultura", ambos essenciais para a pesquisa em questão, já que textos feministas estão sempre estritamente ligados a questões sociais e culturais, além de serem, inclusive, produtores de aspectos sócio-culturais da nossa sociedade. Este fato é corroborado por Firth (1957, apud Koch 2005), seguidor das idéias de Malinowski quanto ao contexto social que defendia a posição de que palavras e sentenças não têm sentido em si mesmas, fora de seus contextos de uso (Koch, 2005).

3.2. Entorno sócio-cultural e contexto sócio-cognitivo

O entorno sócio-cultural, aspecto da teoria de Hymes já resenhada no capítulo I, abriu os caminhos para que a lingüística pragmática voltasse seus estudos para a descrição dos usuários da língua. Foi dada, então, aos moldes atuais de pesquisa a importância do contexto sócio-cognitivo, um contexto de entorno não muito amplo, mais individual e de forte influência na produção dos enunciados. É uma representação na memória do enunciadador. Assim, consideramos que, a apreciação do contexto sócio-cognitivo poderá propiciar uma ampliação da análise.

3.3. O contexto sócio-cognitivo de Simone de Beauvoir e de Valerie Solanas

3.3.1. Valerie Solanas

A história de Valerie Solanas foi contada por Freddie Baer (2000) em um capítulo da edição de *SCUM Manifesto* utilizada como material de trabalho. Em "Sobre Valerie Solanas", Baer relata a infância da autora, sua juventude, suas atividades artísticas e políticas e sua produção. A relação de Solanas com o movimento punk está na obra *Mate-me por favor*, de Legs McNeil e Gillian MacCain (1997). É a partir destes textos que abordaremos a história de Solanas.

Solanas esteve bem próxima da cultura *punk* no momento de sua formação em 1967. Essa cultura estava começando a acontecer nas casas de espetáculos e nas exibições de cinema em Nova York, de uma forma industrial. Alguns nomes são essenciais nesse percurso, um deles é o de Andy Warhol, dono da Factory, estúdio e produtora, uma das primeiras grandes figuras do movimento punk.

A aproximação dá-se quando Solanas apresenta a Warhol os manuscritos de uma peça, pensando na possibilidade de sua publicação, o que não ocorreu. Neste mesmo momento, escreveu e publicou por si mesma (tendência *make yourself* de uma vertente punk anarquista) o seu "SCUM Manifesto" em um inevitável interdiscurso com a conjuntura do momento do pós-guerra em

que o mundo se encontrava. Insistentemente Solanas telefona para Warhol querendo de volta seus manuscritos, os quais ele afirmava ter perdido. Então, Solanas passou a pedir dinheiro pelos manuscritos e continuou freqüentando a Factory, tendo feito, inclusive, dois filmes produzidos por Warhol. Em um desses momentos, esteve presente Maurice Girondias com quem, mais tarde, Solanas viria a assinar um contrato, sobre seu próximo livro e outros textos, o que ela posteriormente interpretou como "tudo que eu escrever será dele" (Solanas, 2000: 56). Solanas atribuiu a Warhol a responsabilidade de ter convencido Girondias a assinar com ela tal contrato na intenção de usá-lo sem nunca ter que pagar por isto. Valerie Solanas decidiu, então, atirar em Warhol, ferindo-o e entregando-se a polícia.

Não tendo conseguido bons resultados com o punk empresarial de cena, Valerie Solanas acabou por apresentar atitudes de um anarquismo comportamental: sua contestação foi feita em seu livro *SCUM Manifesto* que além de feminista, era de cunho econômico e social no que tange às desigualdades entre gêneros. No seu livro, questiona as origens das instituições sociais e aponta sua fidelidade com relação ao dinheiro, ao trabalho, à guerra e à ciência.

Enquanto jovem Valerie Solanas teve experiências de violência com seu pai e seu avô, e chegou a estudar e trabalhar em uma universidade norte americana. Mais tarde tornou-se prostituta, mendiga e escritora.

Mesmo tendo tido vivência universitária e, provavelmente, tendo até mesmo sido leitora de Beauvoir, a autora está, no que diz respeito à publicação analisada neste trabalho, mais ligada a um anarquismo comportamental do que aos métodos institucionais acadêmicos.

3.3.2 Simone de Beauvoir

Segundo *Philosophers*, site especializado na vida e obra de importantes pensadores, Simone de Beauvoir nasceu em uma família burguesa em Paris. Desvincilhou-se na juventude do que considerava "amarras de suas origens". Então, logo após concluir seus estudos na Sorbonne, conheceu Jean-Paul Sartre, no ano de 1929, e uniu-se a ele em um "relacionamento aberto". Uniu-

se também ao seu círculo de linha existencialista, formulando aspectos de liberdade segundo os quais cada pessoa é responsável por si própria.

Sua vida acadêmica fortificou-se. Tornou-se professora de filosofia em escolas francesas em Rouen e Marselha. Seu livro *O Segundo Sexo* foi produzido num contexto de aproximação com as idéias existencialistas do seu mais novo meio social, além, é claro, da influência do momento socio-histórico.

Inserida, na perspectiva deste trabalho, em uma sociedade institucional (como a academia), seu feminismo compreende a natureza da desigualdade de gêneros, relacionando-se a aspectos sociais, políticos e econômicos de direitos trabalhistas reprodutivos contra a violência sexual e doméstica. Trabalha a partir de uma política de otimização de aspectos repressivos da sociedade, influenciada pelo pensamento que passa a compartilhar com o grupo social ao qual está então ligada.

Simone de Beauvoir é uma intelectual que, a nosso ver, relaciona-se com um feminismo fortemente ligado a questões de trabalho e de direitos civis e à militância político-sindicalista.

3.4. A linguagem como contexto em Simone de Beauvoir e Valerie Solanas

Muitas especificidades da manutenção de face de Simone de Beauvoir, a partir de agora referida como SB, e de Valerie Solanas, simplesmente mencionada como VS, se dão por uso da linguagem, respectivamente cuidada e desleixada, considerando que cada uma segue “cuidadosamente” o roteiro que sua face demanda.

A visão, a partir dos aspectos apresentados, é a forma como hoje a lingüística textual se posiciona em relação ao que é contexto. A análise pela interação imediata, o co-texto, agora é substituída pela análise da interação mediata, que abrange o entorno socio-político-cultural e também o sociocognitivismo como experiência e conhecimentos, englobando os conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais. Os estudos pragmáticos, na teoria da construção de face, apresentam posições que concordam com a atual perspectiva lingüística, que enfatiza a importância do contexto. Prova disto é que na teoria de Goffman, são consideradas as

análises de aspectos que vão além da língua, tais quais a cognição, a busca do sujeito pela relevância, escolhas textuais, o sociointeracionismo como preservação das faces, a polidez, a atenuação e a atribuição de causas (observação do anterior).

Em relação à teoria Goffiniana de face, tomamos: 1) o contexto como entorno. 2) o contexto extralingüístico (ou situacional). 3) o macrotexto. 4) a situação ampla.

Outro teórico que trata de questões sobre contexto é Hymes (1964), também apresentado por Koch (2005). Hymes retoma a noção de contexto de forma a voltar-se para questões de ordem sociológica e propõe análises baseadas no contexto de situação. Assim, cria o esquema *SPEAKING* que consiste em uma matriz de traços etnográficos que, segundo o autor, permite ao analista caracterizar o contexto do enunciado de forma ampla. Os pontos da matriz aplicam-se da seguinte forma:

S – Situação: cenário, lugar.

P – Participantes: falante, ouvinte.

E – Fins: propósitos, resultados.

A – Seqüência de atos: forma da mensagem/ forma do conteúdo.

K – Código

I – Instrumento: canal/ forma de falar.

N – Normas: normas de interação/ normas de interpretação.

G – Gênero.

Trataremos agora dos elementos da estrutura *SPEAKING*, que se aplicam à análise dos textos de SB e de VS, a saber: situação, participantes, fins, propósitos, resultados, normas de interação e gêneros, justificando seu uso de acordo com nossa proposta de trabalho.

3.5. O contexto de situação em Simone de Beauvoir e Valerie Solanas

3.5.1. S - Situação: cenário, lugar

Os textos de Simone de Beauvoir e Valerie Solanas, apesar de se tratarem de publicações que apresentam anos de diferença, estão ambos inseridos no longo período do pós-guerra. Os EUA são vistos por muitos como truculentos,

o que contribui em alianças na formação de grupos cujas posições eram políticas, sociais, culturais e de comportamento. Os *hippies*, os *groupies*, os *punks* e as comunidades culturais particulares "montaram" suas personalidades e influenciaram a sociedade norte americana na qual se encontrava Solanas. Neste período a França, de Simone de Beauvoir, se constituía mais uma vez como lugar de questionamentos que inspiravam o desejo de participação e revoltas organizadas.

O cenário bifurca-se quando se trata do meio acadêmico e institucional, que prima pelo rigor no qual atua Simone de Beauvoir, e do meio *underground*, de cunho anárquico e eschachado de Valerie Solanas.

3.5.2. P – Participantes

A pragmática e a sócio-lingüística interacional incorporam aos estudos da descrição do contexto os interlocutores. Eles se movem no interior de um tabuleiro social que impõe suas convenções, suas normas de conduta. Segundo Koch (2005), a simples incorporação dos interlocutores, porém, ainda não se mostrou suficiente para a análise de seus enunciados, já que eles estão em lugares sociais, que têm suas convenções, suas normas de conduta, que lhes infundem condições, estabelece-lhes deveres e lhes limita a liberdade. Além disso, toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura.

Os textos analisados são textos escritos publicados em livros, a relação é, então, entre obra e leitores, uma relação de busca e dependência.

A dependência das autoras com os seus leitores faz com que surja uma autoexigência. Ambas discutem com vigor e autonomia suas idéias, mas procuram manter cativamente seu público leitor. Para tal, faz-se necessário a sustentação do que a teoria da face chama de "alinhamento". Há uma definição dos papéis conferidos à SB e à VS, que são esperados pelos leitores. O que determina seus enunciados são suas pressuposições sobre quem são seus leitores, como estão elas, as autoras, inscritas em seu meio e sob que olhar os leitores as vêem.

Em *O Segundo Sexo*, SB direciona seu dizer para a margem de um leitor político-acadêmico de esquerda, que é alcançado satisfatoriamente através de

expressões não radicais. A autora se utiliza de linguagem formal, mantém certo distanciamento emocional, procura fundamentar as informações dadas em seu texto, enfim, mantém o alinhamento esperado de uma autora intelectual: afirmação relativizada e polida.

VS também mantém seu alinhamento, já que ruptura e crueza são o que se espera de alguém absolutamente avessa às regras sócio-institucionais. A autora emprega em seu texto traços de informalidade tais quais o uso de expressões consideradas chulas, a proximidade emocional em relação ao tema em questão e afirmações não embasadas. A face elaborada por VS é atribuída ao meio *punk*, de cunho político anarquista e a confiabilidade de seu dizer não passa por todos os meios, mas sua face positiva foi mantida, pois suas aspirações são, dessa forma, aceitas pelo grupo a que o *SCUM Manifesto* é endereçado.

3.5.3. E - Fins, propósitos, resultados

Os propósitos esperados de um texto de cunho feminista é o de crítica ao *status-quo* e o de propor mudanças nas relações sociais entre gêneros. No entanto, isto se dá de maneiras diferentes nos diferentes textos. O próprio gênero textual tem a ver com isto. SB escreve um texto acadêmico que tem como objetivo fornecer conhecimentos acerca de um tema a fim de discuti-lo filosoficamente. Já o texto de VS é um manifesto e, assim sendo, tem como objetivo maior conclamar ações, promover atividades práticas para uma mudança efetiva.

Desse modo, as duas autoras constroem seus textos em acordo com os propósitos de cada gênero. O texto de VS apresenta características de uma linguagem mais enfática com, por exemplo, o uso de verbos no modo imperativo, o que contribui para uma comunicação direta e envolvente em relação à seu público leitor, bem como a presença da primeira pessoa do discurso, o que personifica claramente a autora que organiza um movimento e invoca adeptos.

Os resultados esperados também são diferentes. Enquanto a pretensão de SB é inevitavelmente alcançada, já que, em contato com seu texto, o leitor naturalmente reflete a cerca do tema em questão, o objetivo de VS, que

consiste na fomentação de um movimento real, pode surtir efeito em apenas parte de seus leitores ou mesmo em nenhum deles.

3.5.4. N - Normas de interação

Como já foi dito neste trabalho, fazem parte de um encontro comunicativo, códigos de comportamento que permitem o conforto entre os participantes, bem como possibilitam maior segurança para possíveis encontros futuros. Tendo em vista que cada momento interativo dá-se em determinado tempo e espaço e apresenta diferentes interlocutores, é possível concluir que suas normas sejam também distintas.

O meio intelectual de SB exige um comportamento enunciativo ratificador das expressões existentes no campo acadêmico, permeado de estratégias de polidez, para que não haja perda da confiança do público leitor e, conseqüentemente, da face.

O mundo anarquista e *punk* de Valerie Solanas opera e exige dela um comportamento enunciativo diferente. A radicalidade aparece, no seu dizer, através de palavras sobrepostas, sem cadência de pontuação, uso de palavras consideradas chulas e até de palavrões, da ocorrência de afirmações absolutas e não de constatações relativizadas, da ausência de polidez.

3.5.5. G - Gêneros.

Como foi dito antes, o gênero escolhido pelas autoras reflete seus interesses e atende às suas necessidades na manutenção de suas faces. O gênero de texto acadêmico, trabalho formal de pesquisa ou reflexão acerca de um tema relevante e embasado que segue as expectativas convencionalizadas, serve à face positiva de SB e o gênero manifesto, declaração pública das razões que justificam certos atos, texto que objetiva conclamar adeptos a participar de determinada atividade, serve à face positiva de VS, se considerado o público-alvo de cada uma.

CAPÍTULO IV

4. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SOCIAL NOS DISCURSOS DE SIMONE DE BEAUVOIR E DE VALERIE SOLANAS

Para o senso comum, o "discurso feminista" geralmente é mencionado de forma pejorativa e lhe são atribuídas características como superficialidades, agressividade, enunciação repetitiva de senso (feminista) sem profundas estratégias de argumentação, uma revolta de causas até relevantes, mas desembasadas e desprovidas de senso de realidade.

O que acontece é que esse discurso é visto sob o conceito de uno, quando, na verdade, sua especificidade está vinculada ao tempo, ao espaço, aos acontecimentos e aos indivíduos. O feminismo, que provoca o discurso feminista, não é um só, não foi fundado nem sobrevive sobre uma mesma base. Questões políticas diferentes e questões sociais diferentes formaram "feminismos" diferentes que culminaram em criações humanas diversas.

Elementos como, no caso da pesquisa proposta, escritoras/ leitores, tempo, lugar e fatores sócio-culturais muito se relacionam com tudo que estrutura uma face: a relação de dependência entre interlocutores, as influências exteriores e o *frame*, a manutenção da honra e da dignidade.

4.1. Discurso e imagem social

As obras de ambas as autoras tratam da sociedade construída a partir da visão do sexo masculino. Apresentam, porém, direcionamentos diferentes em seus enunciados. Esses direcionamentos chamaremos, neste trabalho, de alinhamentos, os padrões de atos esperados.

Segundo Goffman (1980), toda pessoa, em contato com outros participantes, tende a assumir um padrão de atos, avaliando os participantes e a si mesma, além de levar em consideração a impressão que possivelmente formarão dela. A este padrão chamou de alinhamento.

Este primeiro momento do desenvolvimento da análise é direcionado a observação dos assuntos dos quais SB e VS tratam, das suas motivações e dos caminhos discursivos que decidem tomar. A visão Goffiniana é tomada como base na verificação de cada enunciado exibido a fim de que se ambiente

a teoria de faces ao trabalho interpretativo das duas obras estudadas nesta pesquisa, *O Segundo Sexo* e o *SCUM Manifesto*.

SB e VS ocupam um lugar social feminista e suas proposições estão mergulhadas em "jogos discursivos", que influenciam suas atitudes com o discurso. O que determina seus enunciados são as pressuposições sobre quem são seus leitores, como estão elas, as autoras, inscritas em seu meio, e sob que olhar seus leitores as vêem.

Em o *Segundo Sexo*, SB solidifica reflexões que já estão no andamento de seus estudos há algum tempo e direciona seu discurso para a imagem de um leitor político-acadêmico de esquerda, científico que é alcançado satisfatoriamente através de expressões ratificadoras do *status-quo*, desde que otimizados por uma estratégia conciliadora não radical. Tais expressões são, por exemplo, os verbos no futuro do pretérito e os termos polidos que serão observados e discutidos a partir de trechos da referida obra de SB.

Ao se referirem ao tema "trabalho", por exemplo, VS e SB, fazem diferentes abordagens em concordância com o alinhamento que cada uma quer tomar dentro do contexto sócio-político em que se encontram. Em *O Segundo Sexo*, termo "hoje" aparece no fragmento: (1) *Em sua maioria os trabalhadores hoje não são explorados (p:450)*, e acaba por inferir um abrandamento à crítica veiculada pelo enunciado, direcionando-a não à instituição "trabalho", mas à exploração dele.

Já no *SCUM Manifesto*, o trabalho é tomado como um fardo, como se pode verificar no seguinte trecho: *Não há razão humana para alguém trabalhar mais de dois ou três dias por semana, no máximo (p: 13)*.

VS poderia ter dito simplesmente que não seria necessário que se trabalhasse mais dois ou três dias por semana, no entanto, decidiu destacar sua oposição a esta instituição, utilizando-se das expressões enfatizadoras "não há razão" e "no máximo".

Esta forma de enunciar causa efeito contrário ao abrandamento. O efeito conseguido foi o de ênfase à crítica, destacando-a, tornando-a mais óbvia, determinando um repúdio ao *status quo* e a inauguração de uma bandeira de luta.

Ainda segundo Goffman (1980), o termo face pode ser definido como valor social positivo que uma pessoa reclama para si através daquilo que os outros

presumem ser seu alinhamento. Uma pessoa está na face certa quando seu valor social está integrado à linha sustentada por ela.

SB consegue manter o alinhamento esperado de uma escritora intelectual: a afirmação relativizada e polida, uma imagem construída dentro do meio acadêmico; aceita socialmente e dividida por todos; não sofreu quebra. Desta forma, seu ato é confiável, aceito e é preservada sua face, assim com postulam Brown e Levinson (1987).

Pode-se constatar tal comportamento da autora no seguinte trecho que trata da autonomia econômica e social que a mulher alcança com o trabalho: (3) *Em verdade, nada autoriza a dizer que (as mulheres) seguem um caminho errado, e, no entanto, é certo que não se acham tranquilamente instaladas em sua nova condição: não passaram ainda da metade do caminho* (p: 451).

Neste trecho pode-se observar que SB abordou as duas posições existentes quanto ao tema: uma, a das anti-feministas que consideram que o trabalho não é necessário para a emancipação da mulher, e outra, a das feministas que crêem que este é o caminho.

A autora inicia salientando que é importante que se resguarde de qualquer afirmação definitiva sem que haja dados que autorizem tal atitude. Este é um passo característico de um cientista, de alguém que deve precaver-se de impulsos em função de alcançar credibilidade e confiabilidade.

É verdade que a posição de Simone de Beauvoir se faz notável quanto a concordar com o fato da não estabilidade feminina, principalmente quando a autora utiliza-se da expressão “é certo que”. No entanto, logo em seguida, o abrandamento da afirmação aparece na suavização proporcionada pela seqüência “não se acham tranquilamente instaladas” e pelo cunho de intensidade diminuída causado pela palavra “ainda”.

É sabido que o adjunto adverbial de tempo “ainda” significa “até agora; até o momento presente”, mas o uso cotidiano do vocábulo pode referir-se a algo que está demorando a se dar, como algo que já deveria ter acontecido. Assim, a partir desse uso, SB pode deixar de afirmar claramente que as mulheres estão aquém da situação ideal, a fim de fazer uma crítica velada à atual posição delas e a seus passos lentos na luta por novos direitos.

Agindo desta forma, SB acompanha o caminho comumente exigido pela tradição acadêmica, conseguindo, assim, manter o alinhamento a que se propõe seguir.

Vejam, agora, o caso de VS, observando o seguinte trecho do *SCUM manifesto*: (4) *Todos os trabalhos não criativos (praticamente todos os trabalhos atuais) já poderiam ter sido automatizados há muito tempo. E numa sociedade sem dinheiro as mulheres poderiam ter o melhor de tudo o que quisessem* (p.13).

Diferentemente de SB, VS faz duas afirmações sem apresentar fundamentos lógicos ou dados para tal. A primeira é de que todo trabalho não criativo poderia ser efetuado automaticamente, mas a autora não expõe de que fontes inferiu essa idéia. É possível, ainda, notar, quanto à segunda afirmação, de que as mulheres poderiam ter de tudo em uma sociedade sem dinheiro, que a autora baseou-se exclusivamente em suas crenças pessoais.

Nessa perspectiva, VS também conseguiu manter seu alinhamento, já que ruptura e crueza são o que se espera de alguém absolutamente avessa às regras sócio-institucionais. Assim, a face elaborada por VS é atribuída ao seu meio *punk* e anarquista. A confiabilidade de seu discurso não passa por todos os meios, mas é mantida sua face positiva, pois suas aspirações são, dessa forma, aceitas pelo grupo ao qual o *SCUM Manifesto* é endereçado, o das feministas extremas.

Quando uma pessoa está agindo dentro da face pretendida exprime sentimentos de confiança e segurança, mantém sua cabeça erguida e apresenta-se abertamente. Podem-se observar, no discurso de VS, esses aspectos, a partir de expressões utilizadas pela escritora, tais como "Há muito tempo", "no máximo", e verbos no tempo presente do indicativo, em tom de afirmação, e utilização de palavras enfáticas como providência.

A manutenção destes dois tipos extremos de construção de imagem social, a imagem acadêmica e a imagem anárquica, é possível porque a interação do sujeito com seu meio é que visa à elaboração do conceito de face. O Discroll (1996) diz que "é universal o desejo pela boa face" e que "os constituintes da boa face são culturalmente variados". Mantendo uma ordem expressiva que regula o fluxo de eventos em conexão com os atos, o locutor mantém a face.

Quando o locutor age desta forma por cumprimento a um dever a unidades

sociais amplas e recebe apoio de tais unidades, fala-se em honra. Este é o caso de SB em seu texto. Quando isto acontece por dever do locutor consigo mesmo, fala-se em orgulho, é o que faz VS em sua marginalidade.

A polidez, a afirmação relativizada presente em *O Segundo Sexo* está não no conjunto geral das idéias, mas nas estratégias discursivas de suavização dos enunciados, como se pode observar nos trechos a seguir.

(5) *Em sua maioria as trabalhadoras hoje são exploradas. A estrutura social não foi profundamente modificada pela educação da condição feminina; este mundo que sempre pertenceu aos homens conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram* (p. 450).

(6) *E talvez mesmo aceitassem alegremente a acumulação* (p.450).

A relativização dos conceitos atribuí ao intelectual, na visão de seu interlocutor, a credibilidade da observação como pesquisa, como algo em constatação. A afirmação incontida pressupõe desestabilização para esse interlocutor de *O Segundo Sexo*, mas pode significar força, personalidade e coragem para o interlocutor do *SCUM Manifesto*, já que nele destaca-se a presença do sentido de absoluto nas expressões.

(7) *Não há razão humana para alguém trabalhar mais de dois ou três dias por semana, no máximo. Todos os trabalhos não criativos já poderiam ter sido automatizados há muito tempo. E numa sociedade sem dinheiro todas as mulheres poderiam ter o melhor de tudo que quisessem* (p: 13)

(8) *Não há razão para que uma sociedade composta de seres racionais precise de governos* (p13).

Paralelamente, SB quer também, confirmando a teoria dos desejos do dualismo, apresentada por Goffman(1980), criticar a sociedade do momento, procurando, porém, a associação ao meio intelectual por utilização do discurso acadêmico e científico. VS não se esforça em dar espaço para que haja inserção, participação coletiva por consenso em seu discurso. A independência

e a individualização, outro ponto do dualismo, parece ser o que busca esta autora, ao utilizar afirmações peremptórias.

Essas posições discursivas ocorrem também de acordo com o lugar a partir do qual o sujeito fala. Segundo Goffman (1980), pré-existe ao dizer algum tipo de relação social entre quem diz e os outros interessados, assim como uma expectativa da parte do enunciador quanto à relação que manterá com as outras pessoas após o dito. *O Segundo Sexo* tem seu sujeito colocado no lugar científico - acadêmico, enquanto o *SCUM Manifesto* tem seu sujeito posto no lugar da marginalidade social. O que é esperado das afirmações desses sujeitos são competências argumentativas diferentes. O lugar científico tem uma autoridade que só permanece se forem mantidas noções como base, rigor, imparcialidade emotiva. O lugar marginal não é fundado nos mesmos pressupostos, ele é a ruptura de todos eles, a emoção e o escândalo fazem parte de seu caráter.

Em *O Segundo Sexo*, SB não deseja que se rompam relações existentes entre a escritora e seus leitores. Para impedir o rompimento das relações é necessário que se evite "sair" do alinhamento esperado, já que é esta relação que levará a autora a permanecer participando dos novos eventos com esse público numa situação de dependência. Um exemplo disto está no seguinte trecho:

(9) *Em alguns casos, essa ajuda lhe permitirá melhorar sua situação e conquistar uma independência verdadeira; por vezes, ao contrário ela abandonará seu ofício. Para a mulher casada, o salário, geralmente, representa apenas um complemento* (p: 451).

A polidez em *O Segundo Sexo* é uma poética do silêncio que censura aquilo que não é próprio de se dizer, mas que se pressupõe na conjuntura do discurso acadêmico. As pressuposições podem trazer significados adicionais que estão implícitos em certas expressões lingüísticas e uso de tempos verbais. Tomemos outro trecho de SB:

(10) *Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade* (p:).

Neste fragmento, a utilização do verbo “conseguir” no futuro do pretérito possibilita que a autora, de forma camuflada, negue a existência da liberdade no trabalho conforme ele se apresenta. Desta forma, a autora consegue fazer uma crítica ao sistema capitalista, mantendo certo distanciamento pela indiretividade.

Também, os implícitos têm funcionalidade no discurso de SB. As inferências que podem ser sugeridas a partir do termo “ainda”, levam a uma reflexão responsável e racional sobre o tema abordado.

(11) *Este mundo que sempre pertenceu aos homens conserva, ainda, a forma que eles lhe imprimiram* (p: 450).

O sentido contido remete a contextos como a desigualdade, o preconceito, a exploração entre muitos silenciados, mas inferidos.

As relações de poder advindas da posição do sujeito de *O Segundo Sexo* produzem esses silenciamentos, mas no *SCUM Manifesto* isto muda, sendo outro o lugar do sujeito, parece que o que antes foi silenciado, aqui surge clara e agressivamente, como se pode observar nos trechos a seguir:

(12) *Todos os trabalhos não criativos (praticamente todos) já poderiam ter sido automatizados há muito tempo* (p. 13).

(13) *[O homem] criou autoridades - padres, especialistas, chefes, líderes, etc - e o governo"* (p. 24).

Nos trechos acima, percebe-se que o discurso afirma a negatividade do trabalho não criativo, portanto não livre, e expõe a forma social imprimida pelo homem: o governo, entre outras coisas, todas negativas do ponto de vista desse sujeito um tanto exacerbado.

É possível observar que a relação de face parte de um contrato com o meio e este acordo permeia todo o discurso no que diz respeito a estratégias tais como: o grau de polidez, implicaturas e desejos dualísticos em razão da função do alinhamento para a manutenção da face. Este fim é buscado pelo

reconhecimento da dependência entre o autor e o leitor, para a permanência e participação em novos eventos. Ambas autoras alcançam este objetivo tendo em vista que partem de diferentes constituintes de boa face. Enquanto SB procura elaborar sua face de modo positivo perante uma sociedade acadêmica, utilizando para isso um discurso próximo da racionalidade, VS, ao contrário, extrapola de modo imaturo, ao utilizar afirmações absolutas sem fundamentação na realidade.

4.2 Simone de Beauvoir e Valerie Solanas como sujeitos da linguagem.

O sujeito usa a língua, mas a língua também usa o sujeito. Segundo Lakoff (1975), em seu livro *Language and Woman's Place*, tanto os pensamentos que queremos expressar, quanto o modo como sentimos sobre as coisas do mundo real participam de nossas escolhas lingüísticas. Segundo a autora, os sentimentos do indivíduo sobre o mundo colore suas expressões sobre seu pensamento. Então o comportamento lingüístico pode ser um diagnóstico dos sentimentos do indivíduo sobre as coisas.

Além disto, o comportamento lingüístico pode também ser um espelho das posições subjetivas de um indivíduo sobre algo. O indivíduo pode acreditar que suas atitudes lingüísticas estão totalmente de acordo com seu desejo, que ele assume determinada forma, por seu trabalho de torcer a língua até que o resultado lhe pareça apropriado, mas nem sempre é assim, as palavras podem ter sentidos próximos, mas escolhe-se uma por afinidade subjetiva.

Isto ocorre porque o uso da linguagem envolve o interesse e outras reações emocionais por parte do indivíduo perante o assunto tratado. Nessa perspectiva, afirma Lakoff (1975), enquanto dois emissores podem estar dissertando sobre o mesmo tópico ou situação do mundo real; suas descrições podem soar como não relacionadas.

Tal teoria pode ser relacionada aos discursos de SB e de VS, a partir da observação do quadro a seguir, que traz as escolhas vocabulares, de expressões e de pensamentos das autoras feministas em *O Segundo Sexo* e no *SCUM Manifesto*.

O Segundo Sexo	SCUM Manifesto
Cidadã (449).	Mulheres politizadas, conscientes, Responsáveis vibrantes (9).
Autonomia econômica (449).	Eliminar o sistema monetário (9).
Liberdade (449).	Liberdade do controle dos machos (15).
Mediador masculino (449).	Destruição do sexo masculino (9).
Com dinheiro e direitos (449).	Total eliminação do sistema dinheiro-trabalho (15). Numa sociedade sem dinheiro as mulheres poderiam ter o melhor de tudo (14).
Mundo socialista (450).	Subverter o governo (9).
Trabalho (449).	Instituir a automação completa (9). “Bom” trabalho = co-administrando um monte de merda (15).
O mundo conserva a forma que eles lhe imprimiram (450)	Poder e controle (15). Corrosão do mundo pelos machos (18).
Tornarem-se iguais aos homens (449).	Não obtenção da igualdade econômica entre os sexos nesse sistema (15).
Credo político (449). Mulheres que militam nos sindicatos (449).	Não líderes (18).
Ajuda do marido e da sociedade (449). Vantagens do apoio masculino (449).	Só resta <u>às mulheres</u> eliminar o sistema... (9).
Dinheiro (449).	Substituto do amor (15).

Este quadro de comparações de escolhas lingüísticas mostra que SB e VS tratam de pontos em comum por muitas vezes, o que não gera estranhamento já que o tema central, mulher e sociedade, envolve condições e conseqüências reconhecidamente importantes, que não poderiam faltar em qualquer discussão sobre o assunto. Na maioria dos momentos, as idéias, os pensamentos das autoras, tomam rumos contrários, o que é esperado quando se tem conhecimento do ambiente de cada uma, porém, mesmo que haja uma aparente disparidade quanto às suas posições, pode-se observar que suas relevâncias são parecidas e, até mesmo, algumas crenças, camufladas pelas escolhas lexicais.

O primeiro exemplo corrobora a afirmação: VS escolheu qualificar “mulheres politizadas, conscientes, responsáveis, vibrantes”. Vibrante é um termo largamente utilizado por VS, que valoriza em suas escolhas lingüísticas termos figurativos, que trazem à tona emoção.

Mas tudo isto é, também, o que se entende sobre “cidadã”, palavra escolhida por SB que, sucinta, como deve ser um intelectual, deixa transparecer uma terminologia comum a um sujeito político de esquerda. Isto não é só o que ela quer parecer, mas o que ela é por sua crença.

A crença e o desejo pela liberdade são mencionados pelas duas autoras e a palavra “liberdade” tem o poder de englobar tudo, em todos os âmbitos, SB vale-se disto para utilizar-se dela sem mais nada precisar acrescentar. Valerie Solanas, no entanto, não se contenta com toda a carga significativa que a palavra traz e quer identificar que, na sua concepção, liberdade de tudo significa libertar-se dos homens.

As autoras parecem, também, não discordar quanto à origem da imperfeição do mundo, ambas apontam os homens como os responsáveis por isto. SB, porém, faz a acusação de forma mais branda, inclusive não mencionando nenhuma palavra de significação negativa. Já VS não se furta a apontar os problemas criados pelo sexo masculino: poder, controle e corrosão.

Os demais pares de comparação expressam, de forma mais evidente suas oposições. Mesmo nos demais casos, que mostram antagonismos ideológicos, não é possível negar a subjetividade dos sentimentos; afinal de contas, as posições escolhidas pelos indivíduos sempre partem dos sentimentos em relação as coisas do mundo.

Enquanto SB defende a autonomia econômica feminina como uma solução para o alcance da liberdade, enquanto diz que com direitos e dinheiro alcançado por um trabalho organizado em um mundo socialista, a mulher, politizada e sindicalista, conseguiria atingir o lugar que o homem ocupa na sociedade; VS discorda de tudo.

Na perspectiva de Solanas, o sistema monetário e econômico não deveria nem ao menos existir, assim como seu resultado social, que ela chama de “substituto do amor”. O trabalho, para a feminista, é desnecessário e igualado a algo absolutamente ruim, para ela não há nem o paliativo de um sistema político-institucional mais justo (como o socialismo), pois toda forma de governo e todos os líderes devem ser extinguidos. Além disto, Solanas não almeja o que, para Beauvoir, é o motivo para toda a reformulação que propõe: a mulher não deve contar com e nem desejar o apoio masculino, nem auxílio da sociedade para este fim. Ela não deve em momento algum ser passiva, ela é quem deve eliminar os malefícios do sistema. Ela deve agir.

A partir das comparações feitas, quebra-se uma possível idéia de que as autoras tratam do feminismo e da sociedade de forma não relacionada. É afirmativo que suas ideologias políticas são diferentes: SB é envolvida com o conceito socialista e VS com o anarquismo. Como já foi citado neste trabalho de dissertação, defendem atitudes diferentes e é inegável que em seus textos elas tocam em pontos comuns, tratando-os de formas diferenciadas, de acordo não só com escolhas conscientes feitas para suavizar ou agredir, mas com escolhas subjetivas que, necessariamente, excluem ou negam a escolha uma da outra.

4.2.1. Linguagem feminina ou linguagem masculina

É sabido que para a sociedade ocidental vigente a distribuição e a reprodução dos papéis sociais são de fundamental importância para a manutenção social. Qualquer instabilidade nas ações lingüísticas ou não lingüísticas por parte dos atores sociais implica desconforto ou riscos para o *status quo*, e é por isto que os lugares das classes, dos grupos e sociedade são tão definidos.

No entanto, cada ser humano, mesmo que busque enquadrar-se

perfeitamente ao lugar que lhe foi atribuído, carrega consigo não só aquilo que lhe foi propositalmente ensinado, mas também aquilo que sua capacidade subjetiva lhe permite retirar do que vê no estado das coisas. Muito do que se sente é inevitável e, às vezes, não há nem mesmo a intenção de evitar que se ponha nas atitudes o que seria socialmente indesejável. Por vezes, essa atitude que pode parecer ousada, não é conscientemente medida, ela emerge do ser naturalmente e inevitavelmente. É desta forma também, com a linguagem. Segundo Lakoff (1975), a linguagem carrega em si traços gerais da sociedade, mas é possível e comum que os sujeitos façam imprimir nela suas próprias peculiaridades.

As determinações sociais estão presentes na definição da linguagem masculina e da linguagem feminina, elas estão inevitavelmente ligadas ao mundo real. As escolhas na utilização da linguagem não são totalmente livres, elas estão relacionadas ao que está para trás do momento de sua efetivação os conhecimentos e os reconhecimento das coisas, e ao que está para adiante, as expectativas.

No entanto, o fato de que a linguagem está relacionada ao “mundo real” não quer dizer que ela esteja submetida a eternas definições, porque o “mundo real” não é algo alheio ao sujeito, mas o sujeito também contribui para a constituição do mundo. Os sentimentos humanos sobre o mundo auxiliam nas escolhas das expressões utilizadas na linguagem, sendo assim, o comportamento do sujeito diante de uma situação comunicativa, permite o reconhecimento de seus sentimentos propositalmente ou inconscientemente camuflados no discurso.

É esta abertura que permite que enunciadores possam dizer sobre o mesmo tema de formas tão subjetivamente diferentes que podem até parecer não vinculadas. Lakoff (1975) trata deste acontecimento considerando que esta possibilidade existe devido a escolhas lingüísticas incompartilháveis entre as pessoas devido às realidades de cada uma, devido às coisas que as cercam.

É nesta perspectiva que são observadas a partir de agora as escolhas de SB e de VS ao abordarem o mesmo tópico: a mulher na sociedade.

Para que se possa observar de forma prática a idéia apresentada são a seguir exibidas duas listas, posteriormente analisadas em relação aos estudos de Lakoff (1975) ligados à linguagem vinculada aos gêneros: uma formada por

palavras utilizadas por VS no *SCUM Manifesto* e outra formada por frases de SB em *O Segundo Sexo*.

Enquanto Solanas utiliza-se fartamente de palavras de significados contundentes, Beauvoir decide-se pelo uso de palavras de abrandamento ou que sugerem algo em vez de explicitar.

Enunciados de significados contundentes utilizados por VS.

(14) *Só resta às mulheres politizadas, conscientes, responsáveis, vibrantes, subverter o governo, eliminar o sistema monetário, instituir a automação completa.* (p: 9)

(15) *O macho é um acidente biológico: o gene Y (macho) é um X (fêmea) incompleto, ou seja, tem um conjunto incompleto de cromossomos. Em outras palavras, o macho é uma fêmea incompleta, um aborto ambulante, mutilado no estágio de gene. Ser macho é ser deficiente.* (p: 9)

(16) *Os machos são inválidos no setor emocional* (p: 10)

(17) *O macho é totalmente egocêntrico, enredado em si mesmo, incapaz de ter empatia.* (p: 10)

(18) *É um semimorto, uma excrescência insensível.* (p: 10)

(19) *Conseqüentemente, ele é - mesmo dando o melhor de si - um tédio, uma bolha inofensiva.* (p: 10).

(20) *É capaz de atravessar um rio de catarro ou de andar um quilômetro com vômito até o nariz se acreditar que no final terá uma vagina amigável á sua espera. Fará sexo com uma mulher que ele despreza, uma bruaca velha e desdentada, e pagará por isso. Por quê? Alívio da tensão física não é resposta, já que isso a masturbação resolve. A satisfação do ego também não serve com explicação, porque não pode ser proporcionada por cadáveres fudidos e bebês.* (p: 11)

(21) *Ele é uma máquina, um pênis artificial ambulante. (p: 11)*

(22) *Trepar é seu maior artifício para provar que é ativo na relação. (p: 11)*

(23) *Todo homem, bem no fundo, sabe que não passa de um pedaço de merda. Massacrado por um senso de bestialidade e profundamente envergonhado por isso, o macho quer, não se exprimir, mas ocultar dos outros que ele é apenas físico. Procura disfarçar o seu total egocentrismo, o ódio e o desprezo que sente pelos outros e esconder de si o ódio e o desprezo que suspeita lhe ser dirigido pelos outros homens. Tendo um sistema nervoso tosco e ficando facilmente perturbado pela menor demonstração de emoção ou de sentimento, o macho instituiu e faz questão que seja cumprido um código social garantidor de uma perfeita indiferença, sem menor mácula de sentimento ou de opinião inquietadora. Usa expressões como “ter contato íntimo”, “ter relações com” (para os homens “relações sexuais” é redundância), revestidas de modos afetados: o macaco de terno. (p: 13)*

(24) *Não há razão humana para alguém trabalhar mais de dois ou três dias por semana, no máximo. (p: 13)*

(25) *Mas há razões não humanas, razões masculinas, para a manutenção do sistema dinheiro-trabalho. (p: 14)*

(26) *Por isso muitas fêmeas prefeririam, mesmo supondo a total igualdade econômica entre os sexos, viver com machos ou vender a bunda na rua, a fim de terem a maior parte do tempo para si mesmas. (p: 15)*

(27) *Sendo um lixo o papai só pode garantir respeito permanecendo ativo. (p: 17)*

(28) *A conseqüência da paternidade nos machos, especificamente, é torna-los Homens, ou seja, bastante defensivos em relação a todos os impulsos de passividade, viadagem, e ao desejo de ser fêmea. (p: 17)*

(29) O garoto, borrando-se de medo e “respeitando” o pai obedece e imita exatamente o papai, esse modelo de virilidade, o ideal cem por cento americano – o idiota heterossexual bem-comportado. (p: 17)

(30) A menininha do papai, sempre em busca de aprovação, de um afago na cabeça, do respeito de qualquer monte de lixo que passe por seu caminho, é facilmente reduzida à mamãe, assistente idiotizada das necessidades físicas, lisonjeadora do tedioso, das sobranceiras de macaco, promotora do ego débil, apreciadora do desprezível, uma garrafa de água quente com tetas. (p: 19)

Enunciados de abrandamento de SB.

(31) As liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. (p. 449)

(32) As licenças negativas não lhe modificam profundamente a situação (p. 450)

(33) Hoje o trabalho não é liberdade. (p. 450)

(34) Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade (p:450).

(35) Em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional. (p. 451).

(36) Não recebendo em troca de seu trabalho os benefícios morais e sociais com que estariam no direito de contar. (p. 451).

(37) A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral e psicológica idêntica a do homem (p. 451).

Em *Language and Woman's place*, Lakoff (1975) define que a linguagem masculina dá importância ao “mundo real”, enquanto é considerado que a mulher é menos inspirada em assuntos importantes. A autora explica que a mulher é, geralmente, discriminada pela sociedade se se recusa a assumir um dizer determinadamente feminino. Se opta por aceitá-lo e utilizá-lo, é ridicularizada, apontada como incapaz, como alguém que não participa das discussões sérias, é vista como ser desprovido de pensamento claro. Ou seja, para mulheres que se preocupam em se encaixar neste âmbito da sociedade, a sina não permite saída: ou se é menos que uma mulher ou se é menos que uma pessoa. Neste sentido, não restam dúvidas sobre em qual discurso (feminino ou masculino) se enquadram os textos de Simone de Beauvoir e de VS. Ambas dissertam sobre a sociedade e seus aspectos e propõem soluções para os problemas políticos da humanidade, ou seja, tratam do mundo real.

Lakoff (1975) também afirma que a linguagem masculina é vista como aquela expressa precisamente com força, o dizer duro, enquanto a mulher é apontada como um ser incapaz de se expressar desta forma. Se consideradas as idéias de Lakoff, o discurso de VS é evidentemente masculino, devido ao uso de palavras fortes, de adjetivos no sentido literal em lugar daqueles que indicam admiração do locutor por algo, e devido também ao próprio gênero textual.

Por vezes é mais contundente que isto, assemelhando-se até ao discurso machista detentor de afirmações sobre a mulher que há muito a mostram como um ser deficiente e inferior em relação ao homem. As citações a seguir, retiradas do livro *O que é feminismo?* de Alves e Pitanguy (2003), confirmam essa condição já cristalizada no meio social. Observa-se que VS se equipara esses discursos no que se refere à ênfase das significações e nas escolhas vocabulares.

O que diz o médico e cientista Ambróise Pare

Porque o homem o tem externamente a mulher o tem internamente tanto por sua natureza quanto por sua imbecilidade, que não pode expelir e pôr para fora estas partes.

Os órgãos sexuais femininos tornam as mulheres “disformes e vergonhosas quando nuas”.

O que diz o médico Rabelais

O corpo ‘histérico’ da mulher só pode conduzi-la à desordem moral.

O que diz o inquisidor e teórico da demonologia Jaques Sprenger

A mulher é mais carnal que o homem; vemos isto por suas múltiplas torpezas... Existe um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi feita de uma costela curva, torta, colocada em oposição ao homem. Ela é assim um ser imperfeito, enganador.

O que diz o intelectual humanista Jean Bodin

A mulher é “impura e inferior”

O que diz Valerie Solanas

(38) O macho é um acidente biológico: o gene Y (macho) é um X (fêmea) incompleto, ou seja, tem um conjunto incompleto de cromossomos. Em outras palavras, o macho é uma fêmea incompleta, um aborto ambulante, mutilado em estágio de gene.

(39) As mulheres não têm inveja do pênis, os homens é que cobiçam a vagina.

(40) O macho é uma máquina, um pênis artificial ambulante

(41) A condição masculina é uma deficiência.

VS assume a mesma postura determinista e violenta dos pensadores citados revertendo somente os lugares da mulher e do homem. Ela faz um desenquadre em relação ao feminismo contemporâneo ao enquadrar-se aos

esquemas de conhecimento do machismo histórico.

O dizer de Simone de Beauvoir chega a apresentar um discurso polido, característico da linguagem feminina; no entanto, ele não pode ser descrito como um discurso polido, que deixa posições em aberto, que não determina a visão do enunciador e seus pensamentos sobre as coisas. Não se trata de uma polidez de deferência ou camaradagem, típicos das estratégias de etiqueta exigidas da mulher. É sim uma polidez de formalidade exigida pela academia, de todo e qualquer intelectual independentemente de gênero, do seu sexo. É uma polidez, segundo Lakoff, mais proeminente, que utiliza a terminologia técnica, que distancia o enunciador implicando que não tenha contentamento emotivo em suas sentenças. Trata-se, então, a produção escrita de ambas as autoras, de um discurso veiculado através de linguagem masculina, apenas com diferença nas escolhas lexicais e tratamento dos temas abordados.

CAPÍTULO V

5- O que constitui os enquadres sociais

5.1 - Enquadramentos como *script* e enquadramento interacional

Tannen e Wallat (1998) apresentam o *script* como um enquadre no sentido mais fechado, um conceito que se refere à noção de estrutura de expectativa de forma padronizada. Seria como um esquema pré-concebido, como um modelo estabelecido através do qual se reconhecem os tipos.

É a partir de um *script* que a sociedade costuma definir o que sejam o “feminino” e “o masculino”. A partir de protótipos são socialmente atribuídas aos gêneros suas características comportamentais e intelectuais. Nesta perspectiva, o enquadre feminino é construído de particularidades inversas ao enquadre masculino, tendo o primeiro um conjunto características de que tendem à fragilidade e o segundo, um conjunto de características que são associadas à virilidade.

É também visto como *script* o enquadre feminista. O feminismo é socialmente visto como uma ideologia concebida por um grupo de mulheres cujas características se desviam daquelas da maioria das características atribuídas às mulheres, fazendo um *footing* em direção aos esquemas de conhecimento masculinos. No entanto, como já foi dito neste trabalho, o feminismo não é apenas um, ele é constituído de diversas formas de pensamento, de diversas posições e defesas. É, então, cabível uma definição das estruturas de expectativas que parta de um conceito de enquadramento que considere a diferença, o movimento. Goffman fez suas análises partindo desse prisma, o prisma do enquadre de natureza interacional.

Os enquadres interativos referem-se, segundo Tannen e Wallat (1998) à definição do que acontece em uma interação, assim, aquilo que está ligado ao estado das coisas não pode ser ignorado, deve ser interpretado. No caso do corpus aqui analisado, o feminismo se divide em um feminismo de cunho institucional, no qual se encontra SB e em um feminismo de cunho radical, no qual está VS.

Neste caso é observado que algumas estruturas de expectativas são contrárias e outras são comuns. Isto ocorre porque, mesmo estando as duas autoras em contraponto quanto aos lugares sociais, academia-ruas, elas comungam da divergência em relação ao lugar feminino.

As características atribuídas aos papéis sociais da mulher, do homem e da feminista estão mais detalhadamente expostas no esquema que se segue, bem como os casos referentes a características atribuídas à Simone de Beauvoir e Valerie Solanas, retirados de seus textos analisados neste trabalho.

ENQUADRAMENTO COMO *SCRIPT*: PONTO DE VISTA ESTÁTICO

Enquadre feminino	Enquadre masculino
1-Doçura	1-Agressividade
2-Obediência	2-Competitividade
3-Passividade	3-Ação
4-Altruísmo	4-Interesse próprio
5-Dependência	5-Independência
6-Emoção	6-Racionalidade
7-Fragilidade	7-Força
8-Lugar interno (doméstico)	8-Lugar externo (público)

Enquadre feminista
1-Agressividade
2-Competitividade
3-Ação
4-Interesse comum
5- Independência
6-Irracionalidade
7-Força
8-Lugar público

ENQUADRAMENTO INTERACIONAL: CONSIDERA MOVIMENTO/AÇÃO

Feminismo institucional	Feminismo radical
1-Formalidade	1-Informalidade
2-Iniciativa	2-Iniciativa
3-Ação (idéia)	3-Ação (prática)
4-Interesse comum (com restrições)	4-Interesse comum
5-Independência (Com fundamentação)	5-Independência (sem fundamentação)
6-Racionalidade (cientificismo)	6-Emoção
7-Força (argumento)	7-Força (brutalidade)
8-Lugar público (acadêmico)	8-Lugar público (outros)

↑
↑

**Enquadre de
Simone de Beauvoir**
**Enquadre de
Valerie Solanas**

Quanto aos enquadres tratados a partir de *scripts*, é possível observar que as estruturas de expectativa do enquadre feminino são absolutamente contrárias às do enquadre masculino. Tais distribuições de características atribuem um *status* de superioridade ao masculino em relação ao feminino, o que é adequado para a manutenção de modelos sociais.

O enquadre feminista, também visto como *script* apresenta como estrutura de expectativa um conjunto de características socialmente atribuídas que diferem totalmente do que é atribuído do enquadre feminino. A maioria das características é congruente ao masculino.

O esquema abaixo retrata o enquadre feminista de *script* em relação aos enquadres feminino e masculino de *script*. As características em comum que o enquadre feminista apresenta com relação aos outros enquadres são descritas de acordo com a ordem numérica, as características divergentes são simplesmente representadas por um traço.

Quadro de semelhanças das estruturas de expectativas do enquadre feminista (*script*) em relação aos enquadres feminino e masculino

Feminista Vs Feminino	Feminista Vs Masculino
1- _____	1-Agressividade
2- _____	2- Competitividade
3- _____	3-Ação
4- _____	4- _____
5- _____	5-Independência
6- _____	6- _____
7- _____	7-Força
8- _____	8-Lugar público

A partir dos esquemas pode-se observar que entre o enquadre feminista e o enquadre masculino há uma grande identificação quanto às estruturas de expectativa, enquanto que em relação ao enquadre feminino, o enquadre feminista se difere completamente.

Se o enquadre masculino é visto com mais seriedade dentro dos aspectos sociais, por que então o enquadre feminista, que apresenta as mesmas estruturas de expectativas, não carrega o mesmo *status* de credibilidade? A resposta à pergunta pode ser “porque as feministas não são homens”.

Como estas definições de enquadre obedecem a um ponto de vista estático, não é possível que se permita a troca dos papéis estabelecidos. A mulher fica no seu lugar, o homem fica no seu lugar, e aquele que desviar disso, assumindo uma posição que diverge do convencional, aquele que ameaça o *status quo* é visto com maus olhos, é taxado de incoerente e até, por vezes, ridicularizado.

A questão da ridicularização do enquadre feminista fica clara na atribuição da sexta característica da lista. A oposição feita entre o enquadre masculino e o enquadre feminino neste ponto, garante a superioridade masculina – racionalidade remete a equilíbrio, inteligência, competência - todavia, não denigre a mulher no que tange às concepções da sociedade. O fato de a mulher apresentar a emoção e a sensibilidade em lugar da racionalidade não faz com que ela esteja à margem da sociedade, a praticidade a competência

são aceitavelmente substituídas pela intuição e pela sensibilidade. Assim a mulher permanece, confortavelmente, em seu respeitável lugar de mulher.

Mas quando se trata do enquadre feminista, o que surge em lugar da admirada racionalidade e da respeitável sensibilidade é a característica “irracionalidade”. Esta, sim, apresenta uma carga pejorativa de não-credibilidade, de chacota. Esta sugere um ser incapaz de contribuir para a sociedade.

É possível entender, então, que a função dos enquadres como *scripts* é de definir lugares sociais a partir da apresentação de estruturas de expectativas definidas sem que se considerem condições mais específicas da realidade em movimento. São apenas estratégias sociais, moldes cristalizados.

O que o mundo efetivamente apresenta são grupos e indivíduos imersos em condições e situações distintas, o que contribui na formação de enquadres mais específicos. Segundo o *site hostgold.com.br/hospedagem/feminismo* é possível conceber a existência de tipos de feminismos afetados de diferentes formas pelas especificidades vinculadas ao tempo, ao espaço e a questões político-sociais. Desse modo, a noção de enquadres interativos está em acordo com esta concepção já que considera o entorno e o movimento para a definição das estruturas de expectativa. Sendo assim, em relação ao corpus deste trabalho, a existência de dois tipos de enquadres feministas é constatada: um ligado ao feminismo institucional, no qual se enquadra SB por estar imerso nos esquemas de conhecimento acadêmico, e outro ligado ao feminismo radical que é avesso aos academicismos, do qual participa VS.

O feminismo institucional é um movimento que se relaciona às estruturas sociais estabelecidas, especialmente as relacionadas à política marxista e à academia e se fundamenta em um pensamento reconhecido pelas instituições socialmente respeitadas.

O feminismo radical não está veiculado a um pensamento político definido, é, sim, formado por um pensamento anárquico, no sentido de que não segue as regras institucionais e utiliza-se de um pensamento independente, absoluto.

Considerando o viés interativo dos enquadres de feminismo institucional e de feminismo radical, é possível observar que eles trazem, em alguns casos, estruturas de expectativas comuns, por se tratarem de movimentos que comungam do ideal de libertação da mulher, e, em outros casos, que

apresentam divergências de estruturas de expectativas por se tratarem de posturas de grupos diferentes. Pode-se considerar que há, também, aspectos que são comuns aos dois enquadres, mas que se aplicam de forma específica a cada um.

O quadro apresentado abaixo representa quais estruturas de expectativa o feminismo institucional e o feminismo radical apresentam em comum e quais apresentam em contraste. As estruturas de expectativa comuns aos dois enquadres feministas são representadas pelo sinal de igualdade, e as estruturas de expectativa diferentes são representadas pelo sinal de diferença. Há ainda, estruturas de expectativas comuns entre os dois enquadres feministas, mas que apresentam aplicações diferentes, ou seja, pontos em comum que se efetivam no texto de maneiras próprias, estas estão representadas no quadro pelo sinal de igualdade seguido pelo parênteses de aplicação diferente.

Quadro de semelhanças e diferenças de esquemas de expectativa entre os enquadres do Feminismo Institucional e do Feminismo Radical

1-	≠
2-	=
3-	= (aplicação ≠)
4-	=
5-	= (aplicação ≠)
6-	≠
7-	= (aplicação ≠)
8-	= (aplicação ≠)

A leitura deste quadro vem mostrar que em relação ao primeiro ponto, SB e VS apresentam estruturas de expectativas diferentes; enquanto SB prima, em seu texto, pela formalidade, VS escreve informalmente.

Já no segundo ponto as duas autoras combinam. Ambas apresentam-se com iniciativa de criticar o estabelecido o que nos leva a esperar que entre as autoras haja uma concordância também no ponto seguinte: ação. Essa expectativa é contemplada, porém as duas feministas agem de forma específicas, SB propõe em seu livro uma reflexão acerca do tema “mulher e

sociedade” enquanto VS propõe intervenções sociais práticas.

Como SB e VS estão inseridas no feminismo, que é uma forma de organização social de grupo, ambas trabalham em prol do interesse comum das mulheres, todavia, a autora acadêmica crê em um movimento promovido por um grupo de mulheres politizadas e ligadas a instituições políticas, enquanto a autora anarquista convoca para seu movimento todas as mulheres bastando que passem a não aceitar o modelo social vigente.

Como questionadoras, as autoras também primam pela independência. No entanto, SB mostra em seu texto embasamento teórico, enquanto VS não se preocupa em fundamentar-se em pensamentos reconhecidos.

Mas a maior das diferenças entre as duas autoras feministas está relacionada ao sexto ponto do quadro: SB como professora, escritora reconhecida não se desvencilha do cientificismo acadêmico evitando os arroubos emocionais que estão fortemente aparentes no texto de VS. Por conta deste contraste a força ilocucionária inegável nos textos contestadores das duas autoras, diverge-se quanto ao caráter filosófico de SB e o caráter violento de VS. A autora de *O Segundo Sexo* trabalha a reflexão para promover a crítica em sua obra, enquanto a autora do *SCUM Manifesto* revolta-se abruptamente em relação às questões sociais que considera problemáticas. Isto ocorre pelo conhecimento que ambas as autoras possuem de seu meio social. Seu lugar de atuação é público, porém SB reconhece-se no meio político, institucional e acadêmico assim como VS tem a noção do lugar social anarquista que ocupa: fora das instituições, das salas, dos gabinetes, seu lugar de atuação são, sim, as calçadas, os meios de transporte, enfim, as ruas.

Enquanto o feminismo institucional está imerso no mundo acadêmico, cujo discurso exige atenção direcionada à formalidade lingüística, à fundamentação das afirmações, a certo distanciamento, certa imparcialidade quanto ao tema e à competência argumentativa que mostre todos os aspectos relevantes ao tema, o feminismo radical, como elemento à parte a instituição acadêmica, está livre de tais normas.

Cada ponto de estruturas de expectativa mostrado nos quadros sobre os enquadres de SB e de VS são, a partir daqui, colocados com base em trechos de suas respectivas obras: *O Segundo Sexo* e o *SCUM Manifesto*.

5.1.1 Enquadre de Simone de Beauvoir

A - Formalidade

A escrita aprimorada, construída com riqueza de adornos e requinte é própria do estilo formal do qual SB se utiliza. A autora faz isto por saber que seu texto será lido e compreendido por seu público leitor e valorizado pelo meio filosófico e institucional ao qual se vincula.

1- Distanciamento

Teoricamente, a formalidade textual não permite que o autor exponha de forma emocional sua opinião. SB segue esta norma, deixando sua impressão em um único momento:

(42) *Os misógenos criticaram muitas vezes as mulheres de ação por ‘se negligenciarem’; mas também lhes pregaram que se quisessem ser iguais a eles deveriam deixar de pintar-se e de esmaltar as unhas. Este último conselho é um absurdo.* (p: 452)

Porém, na maior parte do texto, a marca que a autora imprime é de certo distanciamento do lingüístico em relação à ideologia, como nos casos de uso do tempo verbal no futuro do pretérito:

(43) *É natural que, não recebendo em troca de seu trabalho os benefícios morais e sócias com que estariam no direito de contar, lhe suportam sem entusiasmo os constrangimentos.* (p: 450)

(44) *Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento.* (p: 451)

A utilização do verbo no futuro do pretérito já foi mencionado nesse trabalho. Dizendo que as mulheres “estariam no direito de contar”, a autora se reserva em dizer que elas, na realidade, não contam, apesar de isto ficar subtendido. O distanciamento se dá também pela generalidade, que poderia ter sido deixada de lado por um autor não tão compromissado com a veracidade de suas informações. Se, por exemplo, em vez da palavra “geralmente” fosse utilizada a expressão “na maioria das vezes” a presença ideológica da autora seria mais evidente.

2- Relação de oposição

O texto formal procura expor relação de oposição ou de contrariedade, os dois lados do tema em questão, o viabiliza uma maior possibilidade de relativização do tema e evita que o autor tome para si o arquétipo de partidário.

(45) Uma mulher que se veste de jeito extravagante, mente quando afirma com ar de simplicidade que obedece a seu bel-prazer, nada mais: sabe perfeitamente que isso é uma extravagância. Inversamente, quem não almeja mostrar-se excêntrica conforma-se com as regras comuns. (p: 452)

3- Relação de consequência

SB faz ligação entre as idéias, isso contribui para impressão de continuidade o que enriquecendo o texto, neste caso, a relação de motivo-efeito é exposta pela locução conjuntiva “por conseguinte”.

(46) A mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. (p: 452)

A utilização dos recursos seguintes na modalidade formal contribui para a valorização estética do enunciado e lhe atribui *status* pertinente a posição de texto acadêmico.

4- Palavras rebuscadas e mesóclise

*(47) A partir do momento em que se livra de um código estabelecido, o indivíduo torna-se um **insurreto**. (p: 452)*

*(48) A mulher que ganha muito bem a vida **poupar-se-á** tais tarefas aborrecidas, mas estará **adstrita** a uma elegância mais complicada, perderá tempo com compras, provas, etc. (p: 453)*

5- Estruturas oracionais complexas

(49) *É uma servidão tanto mais pesada quanto às mulheres, confinadas na esfera feminina, lhe hipertrofiaram a importância: transformaram em artes difíceis a toalete e e os cuidados caseiros.* (p; 453)

(50) *O encanto feminino exige que a transcendência, degradando-se em imanência, só se apresente como uma palpitação carnal sutil.* (p: 454)

6- Estruturas poéticas

É metafórico o próprio nome do livro *O Segundo Sexo* e o estilo poético presente no trecho:

(51) *Não consegue amortecer o olhar à vontade, transformar os olhos em uma poça de céu ou de água; nem sempre se detém com firmeza o impulso de um corpo que tende para o mundo, a fim de metamorfoseá-lo em uma estátua animada por suas vibrações.* (p: 454)

B - Iniciativa

SB critica os modelos sociais e propõe a autonomia feminina em seu livro, isto, por si só, corrobora o caráter de iniciativa da autora perante o mundo.

C - Ação (campo da idéia)

O texto “O caminho da libertação” propõe uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, sobre a importância da participação da mulher no campo político para o alcance da igualdade, mas não há a proposta de uma atividade, propriamente dita.

D - Interesse comum (mas com restrições)

Para SB alcançar o objetivo de libertação é possível às mulheres vinculadas a instituições político-sindicais.

(52) *Somente as mulheres que têm um credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro podem dar um sentido ético às ingratas fadigas quotidianas.* (p: 450)

E - Independência (com fundamentação)

SB mostra em seu livro *O Segundo Sexo*, os fundamentos de seu pensamento e isto lhe confere um discurso de autoridade que contribui para a consolidação de sua confiabilidade em relação a seu público leitor. Há, na conclusão do livro de SB, afirmações fundamentadas, citações de autores e pensadores lidos pela autora e, provavelmente, importantes na constituição de seu pensamento.

(53) É mais fácil acusar um sexo que desculpar o outro, diz Montaigne.

(54) Entretanto a desgraça, quando se é mulher, está, no fundo, em não compreender o que é uma desgraça, diz Kierkegaard¹. (p: 489)

(55) (1) In vino veritas. Diz também: A galanteria cabe – essencialmente – à mulher e o fato de a aceitar sem hesitação explica-se pela solicitude da natureza pelo mais fraco(...) A mulher está longe de ser Verwarlos (abandonada). (p: 489)

(56) Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou o homem que tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha. (p: 489)

(57) A relação imediata, natural, necessária do homem com homem é a relação do homem com a mulher, disse Marx¹.

(58) (1) Ouvres philosophiques; tomo VI. O grifo é de Marx. (p: 500)

F - Racionalidade

SB trabalha suas idéias sob uma perspectiva cientificamente reconhecida, apesar de, por alguns contestada: o socialismo. Isto pode ser constatado a partir das referências que a autora faz do filósofo defensor do sistema político socialista Karl Marx, como já foi exposto neste trabalho, e também pelo incentivo demonstrado pela autora em relação à criação de vínculo sindical, instrumento de ação de cunho esquerdista. Tal postura está presente no seguinte trecho de *O Segundo Sexo*:

(59) Somente as mulheres que têm um credo político, as que militam nos sindicatos, as que confiam no futuro, podem dar sentido ético às ingratas fadigas cotidianas. (p: 450)

G - Força

A força ilocucionária da autora se mostra pelo simples fato do rompimento (*footing*) em relação ao enquadre feminino.

H - Lugar público

SB estabelece seu discurso no lugar público pela publicação de um livro amplamente respeitado, que se torna, inclusive, uma das mais importantes obras de estudo a cerca das questões sociais e referência para os movimentos feministas até os dias de hoje.

Nesta obra, a autora reflete sobre a condição feminina na sociedade considerando o lugar público “trabalho” como principal meio para a efetivação da igualdade social entre os sexos.

(60) Entretanto, existe hoje um número assas grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. (p: 451)

5.1.2 Enquadramento de Valerie Solanas

A - Informalidade

Ao contrário de SB, VS constrói seu texto fora dos padrões de formalidade já que seu meio underground a exime de certas praxes comuns ao estilo formal. Assim a autora escreve de maneira simples e acessível não se utilizando de palavras rebuscadas ou de estruturas oracionais complexas, com inversões, por exemplo.

Vários exemplos já foram dados neste trabalho, do uso constante que a feminista faz de palavras socialmente consideradas chulas como palavrões, ou como chamar o homem de “macho” e a mulher de “fêmea”, uso que poderia ser aceito se essas palavras fossem vistas como termos técnicos de um gênero científico da área das ciências bilógicas, mas que é incoerente em relação ao

contexto social de que o livro efetivamente trata.

Além dessas, outras marcas de informalidade podem ser observadas no SCUM Manifesto:

1- Não distanciamento emocional

Por todo o SCUM Manifesto VS expõe arroubos emocionais. Os sentimentos de mágoa, raiva e a impulsividade mostram-se no texto, a partir de xingamentos já mostrados neste trabalho. A autora já inicia a primeira página do livro com um desabafo emocional

(61) Como a vida em nossa sociedade, na melhor das hipóteses, é um tédio sem fim... (p: 9)

2 - Discurso em primeira pessoa:

Este recurso também é contrário ao estilo formal, então é adequado ao estilo de VS, conferindo-lhe um caráter de claro envolvimento com relação ao tema abordado.

(62) Por que deveríamos nos interessar pelo que acontece quando morremos? Por que deveríamos nos interessar pelo fato de não haver geração mais jovem para nos suceder? (p: 40)

3 - Índices de oralidade:

Por vezes o discurso de VS se assemelha à oralidade como neste trecho em que a autora xinga, faz uma pergunta, faz subentender-se uma resposta que é prontamente negada, desconsiderada:

(63) Fará sexo com uma mulher que ele despreza, uma bruaca velha e desdentada, e pagará por isso. Por quê? A satisfação do ego também não serve como explicação, porque não pode ser proporcionada por cadáveres fudidos e bebês. (p: 11)

4 - Uso de ironias:

A autora utiliza a palavra “papai”, simbolicamente considerada uma expressão de carinho, porém o faz com a intenção de imprimir uma crítica ao homem, o que se caracteriza como ato irônico:

(64) *A mãe quer o melhor para seus filhos. O papai só quer o melhor para o papai.* (p: 16)

É feito também o uso de aspas e letras iniciais maiúsculas ao ser citado no texto algo que, VS deixa claro, acha medíocre; o homem e a arte admirada pela sociedade, ambos elementos que, em sua opinião, na verdade, devem ser destruídos.

(65) *A conseqüência da paternidade nos machos, especificamente, é torná-los Homens, ou seja, bastante defensivos em relação os de passividade, viadagem, e ao desejo de ser fêmea.* (p: 17)

(66) *A “Grande Arte” prova que os homens são superiores as mulheres.* (p: 31)

B - Iniciativa

VS escreve um manifesto cuja proposta ousada está no próprio título: *SCUM Manifesto: uma proposta para a destruição do sexo masculino.*

C - Ação (efetiva)

Um manifesto, como a própria denominação deixa claro, é um gênero textual que visa manifestar idéias, divulgar programas políticos específicos e conclamar adeptos em direção aos ideais propostos em suas páginas.

Em seu manifesto, VS não só discute uma questão política como propõe a execução de atividades definidas em prol do que acredita ser eficaz para o alcance dos objetivos de mudança social:

(67) *Meia dúzia dos integrantes do SCUM poderá, dentro de um ano, assumir o controle do país e ferrar sistematicamente o sistema, destruindo seletivamente a propriedade e assassinando:*

- . *As integrantes do SCUM se tornarão membros da força de trabalho, da força de sabotagem. Elas arranjarão trabalhos de vários tipos e então começarão a destrabalhar. Por exemplo, as vendedoras do SCUM não cobrarão pela mercadoria; as integrantes do SCUM que trabalham em escritórios e fábricas, além de sabotar seu trabalho, secretamente destruirão o equipamento.*
- . *As integrantes do SCUM irão destrabalhar num emprego até serem dispensadas, então arranjarão outro emprego para destrabalhar.*
- . *As integrantes do SCUM substituirão à força os motoristas de ônibus, de táxi e os vendedores de bilhetes de metrô. Então irão dirigir ônibus e táxis e distribuir para o público passagens gratuitas.*
- . *As integrantes do SCUM destruirão todos os objetos inúteis e danosos - carros, "Grande Arte", etc.*
- . *Posteriormente, o SCUM assumirá as airwaves - redes de rádio e televisão-, substituindo à força todos os empregados das estações de rádio e emissoras de televisão que tentarem impedir o SCUM de aparecer nos meios de comunicação.*
- . *O SCUM irá se arrojar contra os casais - colidir contra os casais mistos (macho- fêmea), onde quer que eles estejam, e separa-los. (p: 43,44)*

D - Interesse comum

VS não restringe ou define um grupo apto a alcançar os objetivos de mudança social, a não ser os homens, a quem a autora desconsidera. A autora estende a responsabilidade a todas as mulheres que com ela comungarem dos ideais de mudança.

(68) E numa sociedade sem dinheiro todas as mulheres poderiam ter o melhor de tudo o que quisessem. (p: 14)

E - Força

A força ilocucionária de VS pode ser observada em seu texto a partir do rompimento (*footing*) com o enquadre feminino e pelo realinhamento em direção ao enquadre masculino, atitude normalmente não esperada de uma feminista.

F - Lugar público

O lugar público não é institucional no texto de VS como é no de SB, as ações propostas pela feminista radical, não são parecidas com as defendidas pela autora intelectual, como as ações comumente promovidas pelas instituições político-sindicais. O trabalho também não é o lugar público que a feminista radical sugere à suas leitoras, por se tratar de uma instituição pelo contrário, o que a autora propõe, como já foi mostrado neste trabalho, é sua destruição. O lugar público de VS é garantido pela autora no âmbito externo ao acadêmico e institucional: as ruas.

(69) O SCUM não fará piquetes, manifestações, marchas ou greves para atingir seus objetivos. (p: 47)

G - Independência (total)

VS em seu *SCUM Manifesto*, não cita nem se baseia em nenhuma teoria reconhecida ou respeitada. A autora faz afirmações e constatações sem que, em nenhum momento cite autores ou teorias científicas reconhecidas que possam ratificar o conteúdo de seu discurso. Um exemplo disto é que, sem nenhuma base referencial no campo da biologia ou da genética, a autora afirma:

(70) Hoje é tecnicamente possível reproduzir sem a ajuda dos machos (e, aliás, das fêmeas) e buscar o nascimento de fêmeas, apenas (p: 9)

H - Emoção

O sentimento de raiva aparece a priori, na própria proposta do manifesto, quer-se destruir aquilo que se odeia. Como VS escreve um manifesto de posicionamento político claro, não se faz necessário que a autora se distancie ideologicamente nem sentimentalmente de seu texto.

(71) Mas o SCUM é impaciente demais para ficar esperançoso e aguardar a neutralização do efeito da lavagem cerebral em milhões de babacas. (p: 42).

Fazendo uma intercessão entre a noção dos enquadres sociais e a teoria de construção de face, ambas as noções que se posicionam a partir do prisma da interação, pode-se concluir que as escolhas de SB e de VS obedecem às normas que cada gênero solicita e que estão, portanto, em acordo com o alinhamento a que se propõem seguir, sabendo ser considerado pelas autoras o meio social ao qual cada uma está ligada e o público a que suas obras são dirigidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar os discursos de SB e de VS em seus respectivos textos *A mulher independente*, da quarta parte do livro *O Segundo Sexo* e *SCUM Manifesto* na perspectiva da teoria da construção de face, elaborada por Goffman (1980) e desenvolvida também por Brown e Levinson (1987) contando com a contribuição da teoria dos enquadres sociais apresentada por Tannen & Wallat (1982). Os aspectos da teoria trabalhados nesta pesquisa partiram da noção de interação como centro do jogo conversacional exercido por participantes que em seus dizeres somam aos aspectos verbais, aspectos de outra natureza tais quais posicionamentos e escolhas tomadas consciente e inconscientemente. Foram observadas as influências quanto às escolhas lingüísticas das questões referentes ao lugar social tanto das autoras do *corpus*, quanto de seus propensos leitores, e as relações de auto-respeito e dependência entre esses participantes da comunicação.

Pôde-se observar que, sendo SB uma autora ligada à tradição acadêmica, seu discurso tende a exigir certa delicadeza ao tratar de questões político-sociais de gênero. Assim, é comum em seus enunciados, o uso de termos atenuadores como verbos no futuro do pretérito, relativizações, polidez e implícitos. A autora assume a face de intelectual polida sem deixar de manter seu posicionamento político-socialista. Desse modo, consegue manter-se em face não decepcionando seus leitores, não só por não chocá-los ou por evitar o constrangimento deles, mas, principalmente, por seguir na crítica social a que se propõe de forma firme e confiável.

VS também alcançou a manutenção de sua face utilizando-se de estratégias lingüísticas diferentes das de SB. A autora, de características próprias da radicalidade, fartou-se do uso de afirmações absolutas não fundamentadas em bases científicas ou filosóficas sólidas, mas sim em concepções próprias e subjetivas. Fez uso também de termos de cunho enfático e, por vezes, exagerados, abdicou da polidez em detrimento inclusive de xingamentos e palavrões. É possível perceber que em seu discurso afirmativo Solanas não se preocupa em formular questões que auxiliem na

reflexão dos leitores acerca dos assuntos abordados, não havendo, por vezes, nem mesmo uma ligação cadenciada entre eles.

VS constrói uma imagem social de uma feminista radical utilizando-se de diferentes máscaras como a de alguém generoso, preocupado com o bem estar social, corporativo quanto à restrição de seu grupo de interesse, observador quanto à definição exata dos problemas sociais que aponta, e raivoso e impiedoso quanto ao sexo masculino a quem acusa como causador desses problemas. Apesar dessas características que parecem depreciativas de face, a autora não chega a colocar a sua face em risco, já que o que escreve é um manifesto que conclama principalmente pessoas que pensam como ela ou que, a partir da leitura do SCUM, passem a pensar como ela.

Existem hoje diversas dissidências do movimento feminista espalhadas pelo mundo e presentes em qualquer ambiente social: universidades, escolas, partidos políticos, sindicatos, associações, igrejas, ONGS, etc. Todas trazem em seus conceitos de trabalho ao menos um pouco do legado deixado por Simone de Beauvoir e, algumas delas, um pouco também do pensamento e linguagem de feministas mais enfáticas como Valerie Solanas, no intuito de formular seus próprios pensamentos e linguagem.

Uma obra que propague ideais políticos, sendo amplamente reconhecida ou direcionada aos guetos, sempre pode influenciar um grupo de pessoas ou mesmo um indivíduo que compartilhará com outros sua descoberta. Essa atitude pode estabilizar-se no plano da reflexão ou pode verter-se à ações, de qualquer modo, afeta a sociedade.

Então, nunca será de mais que os estudos lingüísticos, como conhecimento humano, portanto social, se volte para o interesse pelo discurso, que se envolva com as questões político-culturais no intuito de contribuir para o desenvolvimento da compreensão das realidades sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 2003.

BASTOS, Liliana Cabral. **Da gramática ao discurso - uma análise das funções do adjetivo no português falado**. Tese de Doutorado. PUC/RJ, 1993.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (org.) Tradução: Lucia Quental **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. O caminho da libertação: mulher independente. In: **O segundo sexo**. Difusão europeia do livro 1967. Tradução: Sergio Milliet. Páginas 449 a 483.

BOBIO, Noberto, MATTEUCI, Nicola, PASQUINO, Jean Francisco. **Dicionário de política**. Tradução Carmen Varriare. Brasília. Universidade federal de Brasília, 2004.

BRANCO, Lucia Castelo. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1991.

BROWN e LEVINSON. **Politeness. Some universal in language usage**. Cambridge University. New York, 1987.

CABRAL, Liliana. **Da gramática ao discurso: uma análise das funções do adjetivo no português falado**. Tese de Doutorado. PUC-RJ, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999

GOFFMAN, E. **A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social.** Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1980.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução: Maria Célia Santos Raposo. Petropolis. Vozes. 1985.

_____. **Interaction Ritual. Essays on face to face behavior.** Anchor Boks. Doubleday & Company, Inc. Garden City, New York, 1967.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (org.) Tradução: Beatriz Fontana. **Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística em análise do discurso.** Porto Alegre: AGE, 1998.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In : RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M.(org). Tradução: José Luís Meurer e Viviane Herberle. **Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística em análise do discurso.** Porto Alegre: AGE, 1998.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo. Cortez, 2005.

LAKOFF, Robin Tolmach. **Language and woman's place.** Oxford. Harper & Row, 1975.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O humor nas tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda.** Vitória: Grafer, 2002.

LOCHER, Mirian A. **Power and politeness in action. Disagreements in oral communication.** New York: Mouter de Grouter, 2004.

McNEIL, LEGS e McCAIN, Gillian. **Mate-me, por favor.** Tradução: Lucia Brito. LPM Pocket 1997.

MILLS. Sara. **Gender and Politeness**. Cambridge University Press. New York. 2003.

SOLANAS, Valerie. **SCUM Manifesto. Uma proposta para a destruição do sexo masculino**. Tradução: Maria Cristina Guimarães Cupertino. Conrad editora do Brasil. SP, (2000).

TANNEN, Deborah. **What is a frame? Surface evidence for underlying expectations**. Norwood, New Jersey : Ablex, 1979.

TANNEN Debora & WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/ consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (org). tradução: Parmênio Camurça Citó. **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

WATTS, Richard J. **Politenes**. University Press Cambridge. New York, 2003

Philosophers, <http://www.trincoll.edu/depts/phil/philo/phils/beavior.html>. Acesso em dezembro de 2006.

www.hostgold.com.br/hospedagem/feminismo